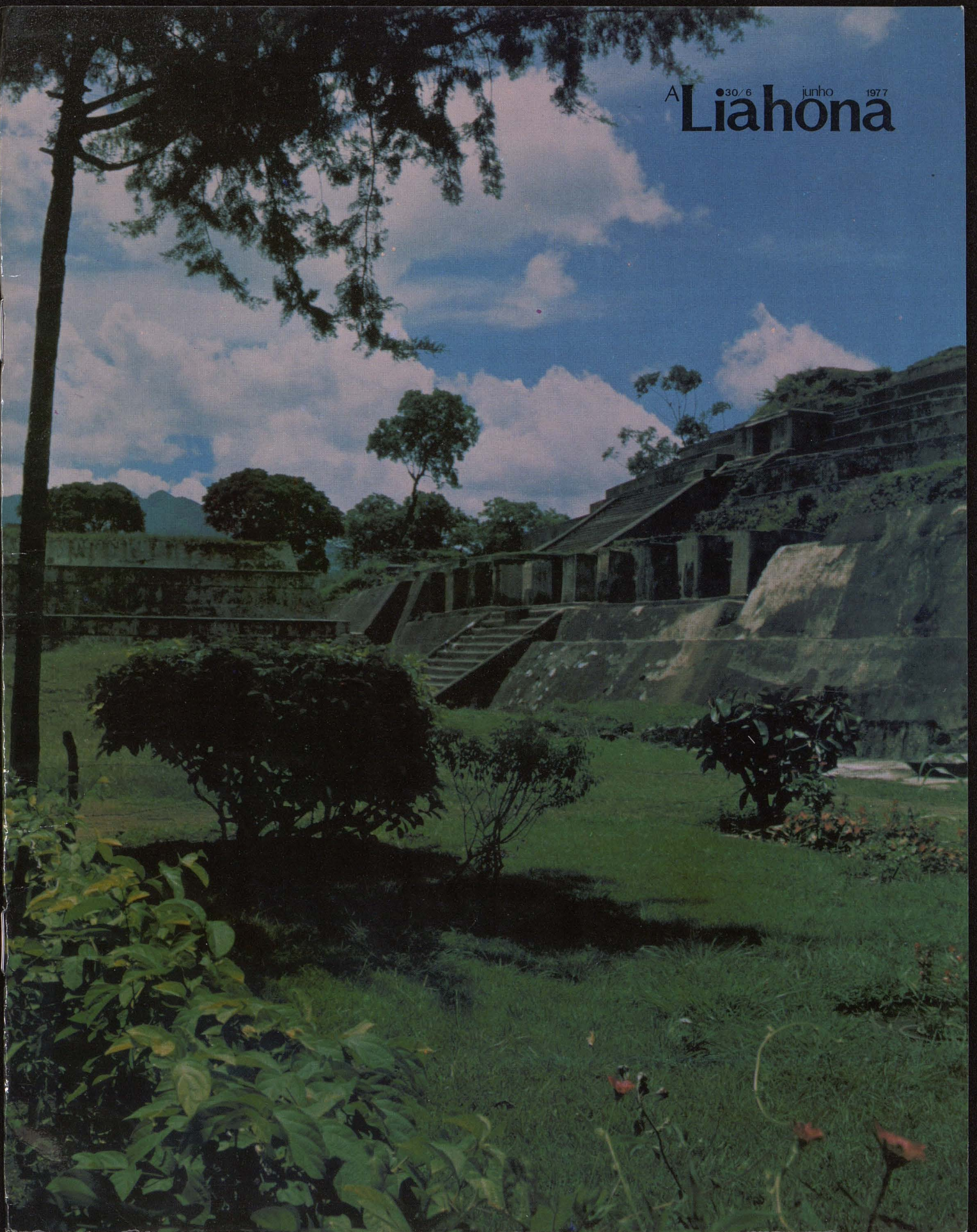
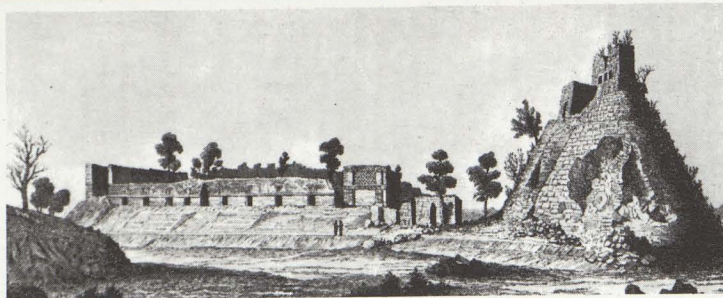


A^{30/6} Liahona junho 1977





A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
Maria Antonia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout
José G. F. da Silva, Expedição

A^{30/6} Liahona^{junho 1977}

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

- 1 Mensagem da Primeira Presidência: DEUS NÃO ESTÁ LONGE DE NÓS
Presidente Marion G. Romney
- 3 "... NÃO PROVOQUEIS VOSSOS FILHOS..."
F. Enzio Busche
- 6 JOHN LLOYD STEPHENS E OS MAIAS
James S. Packer
- 8 O FINANCISTA E O BISPO BUNKER
William Hartley
- 10 UM APELO AOS ÉLDERES EM PERSPECTIVA
Boyd K. Packer
- 26 O PADRÃO DO SENHOR PARA OS PROFESSORES
Theo E. McKean
- 28 O PODER DO EXEMPLO
Delbert L. Stapley

SEÇÃO DOS JOVENS:

- 21 "BATA NO AÇO"
B. Lloyd Poelman
- 24 "OS ANJOS PODERÃO FAZER CITAÇÕES DELE"
Presidente Spencer W. Kimball

SEÇÃO INFANTIL:

- 13 HERÓIS DO LIVRO DE MÓRMON
- 14 DE AMIGO PARA AMIGO, REVERÊNCIA
Vaughn J. Featherstone
- 16 MOMENTOS DE CORAGEM
Keith Christensen
- 18 CAIXA PARA O DOMINGO
Virgínia H. Pearce e Kathleen H. Barnes
- 20 SÓ PARA DIVERTIR

NOTÍCIAS LOCAIS:

- 30 AMOR, RESPEITO E EMOÇÃO ENCERRAM A SÉRIE DE CONFERÊNCIAS DE ÁREA, Dell Van Orden
- 33 PERFIL DE UM LÍDER — PRESIDENTE JOSÉ BENJAMIN PUERTA
Maria Antonia Brown
- 35 FIRMES, MARCHAI!
- 36 EU E MINHA CASA SERVIREMOS AO SENHOR

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c. 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linolettra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

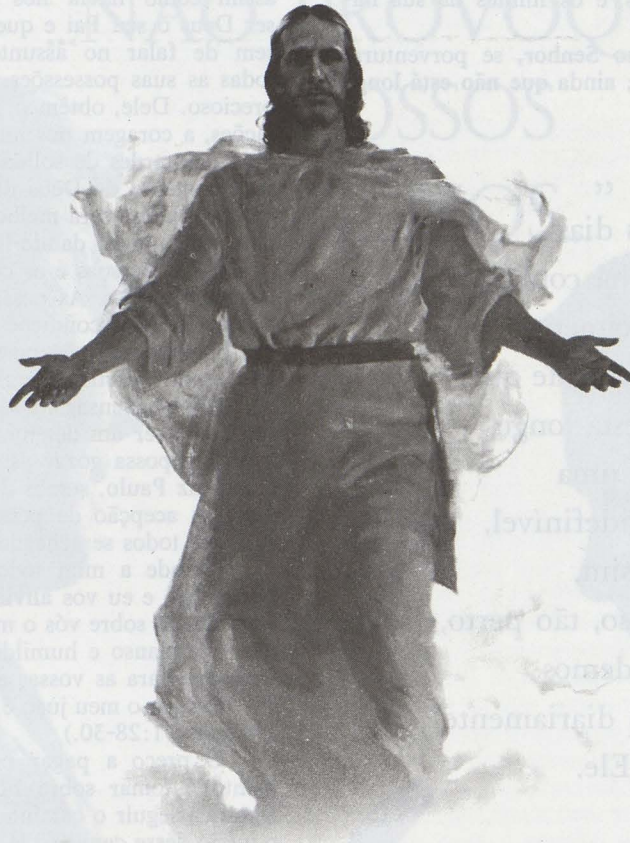
NOTA SOBRE A CAPA:

Aparecem nas capas de frente e de trás deste número, algumas ruínas que foram exploradas por John Lloyd Stephens, em 1839-41. Vide página 6.

Mensagem da Primeira Presidência

Deus Não Está Longe de Nós

Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



De depois de sua fuga da perseguição contra ele movida em Tessalônica e Beréia, Paulo aguardou em Atenas Silas e Timóteo. Durante essa espera, "...seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria." (Atos 17:16.)

Paulo, como vocês se lembram, havia, através de uma grandiosa experiência, ganho por si próprio um conhecimento de que o Senhor não era uma essência impessoal, mas, ao invés disso, um indivíduo tão próximo, que podia falar, e realmente o fez, dando a Paulo instruções concernentes ao que deveria fazer pelo seu próprio bem-estar. (Veja-se Atos 9.) Foi esse mesmo conhecimento que fez com que o espírito de Paulo se revoltasse, ao contemplar a idolatria daquela cidade.

Tal conhecimento não apenas lhe causou a revolta de espírito, mas também deu-lhe o desejo, a força e a coragem para fazer o que pôde, a fim de iluminar o povo de Atenas. Usou de todas as oportunidades que podiam ser aproveitadas, a fim de ensinar "...Jesus e a ressurreição." (Atos 17:18.) Alguns chamaram-no de falastrão; outros disseram: "Parece que é pregador de deuses estranhos." (Atos 17:18.) Atraiu sobre si tanta atenção, que muitas pessoas se reuniram para escutar o que tinha a dizer.

"Estando Paulo no meio do Areópago, disse: Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos;

Porque, passando eu e vendo vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO

DEUS DESCONHECIDO. Esse pois que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio.

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens.

Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida e a respiração, e todas as coisas;

E de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação;

Para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, o pudessem achar; **ainda que não está longe de cada um de nós.**

Nesses dias
nada fáceis, há conforto
e fortalecimento
na compreensão de que
Deus não está longe,
nem é uma
abstração indefinível,
mas sim,
um Pai amoroso, tão perto,
que podemos
comunicar-nos diariamente
com Ele.

Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: **Pois somos também sua geração.**

Sendo nós pois geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens.” (Atos 17:22-29; *itálicos acrescentados.*)

Este sermão de Paulo foi pregado há cerca de mil e novecentos anos atrás, mas aplica-se a nós, no presente. Em verdade, os anos subseqüentes trouxeram-nos grandes mudanças e algumas coisas, notadamente nos campos da ciência e da indústria; mas, com respeito ao assunto abordado no sermão de Paulo, o mundo hoje encontra-se quase no mesmo estado daquela época, quando Deus, para muitos, ainda é um “Deus desconhecido”, e, portanto, adorado de forma ignorante. Talvez ele não seja considerado “...semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra es-

culpida por artifício e imaginação dos homens.; mas a superstição e a idolatria, em algumas formas, estão presentes nos dias de hoje, deles fazendo parte.

Alguns negam a real existência de Deus; outros o definem como “energia cósmica”, como se fora uma corrente elétrica. Já se falou dele como a “primeira grande causa”, e também como a “consciência Universal”. Deus não seria descrito em termos tão vagos, se os homens tivessem dele o conhecimento possuído por Paulo.

Há algumas pessoas no mundo, hoje, entretanto, assim como havia nos dias de Paulo, que sabem ser Deus o seu Pai e que não está distante. Se tivessem de falar no assunto, iriam dizer-lhes que de todas as suas possessões, esse conhecimento é o mais precioso. Dele, obtêm o poder para resistirem às tentações, a coragem nos momentos de perigo, a companhia nas tardes de solidão, e o conforto na dor. Este conhecimento de Deus dá-lhes a fé e a esperança de que o amanhã será melhor que o hoje. É uma âncora para suas almas, dando-lhes propósito na vida, muito embora as pessoas e as coisas à sua volta estejam em confusão e caos. As pessoas, com esse conhecimento, sabem que tais condições adversas existem por causa dos homens que não possuem a mesma compreensão, não sendo, portanto, guiados por Deus.

Minha mensagem a vocês hoje, é que cada pessoa possa ser um detentor desse incalculável conhecimento, e possa gozar as bênçãos dele oriundas, pois, como diz Paulo, somos de Deus geração, e “...Deus não faz acepção de pessoas,” (Atos 10:3), mas deseja que todos se acheguem a ele. E ele é quem disse: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:28-30.)

O preço a pagar pela obtenção desse conhecimento é tomar sobre nós o “jugo” de Cristo, que significa seguir o caminho por ele traçado. A entrada, o início desse caminho, é o desejo de conhecer a Deus, fortalecido pela determinação de fazer tudo o que for necessário para a obtenção desse conhecimento.

Para isso, muitas coisas precisam ser feitas. Não há espaço para discuti-las todas aqui, mas o caminho é a oração. Jamais alguém chamou a Deus em vão, se realmente orou com fé. O verdadeiro e correto conhecimento de Deus foi restaurado à terra nestes dias, através do jovem profeta, Joseph Smith, como resultado de uma oração.

Nesses dias nada fáceis de suspense que causa temor, e de tragédia, há conforto e fortalecimento na compreensão de que Deus é nosso Pai Celestial, que não está longe, nem é uma abstração indefinível, mas sim, um pai amoroso e compreensivo, tão perto, que podemos comunicar-nos diariamente com ele. E ele pode atingir a cada um de nós com seu poder protetor e revigorante.

Que possamos ter o desejo, a coragem e a humildade para ganhar esse conhecimento e gozar de seus frutos, é minha singela oração.

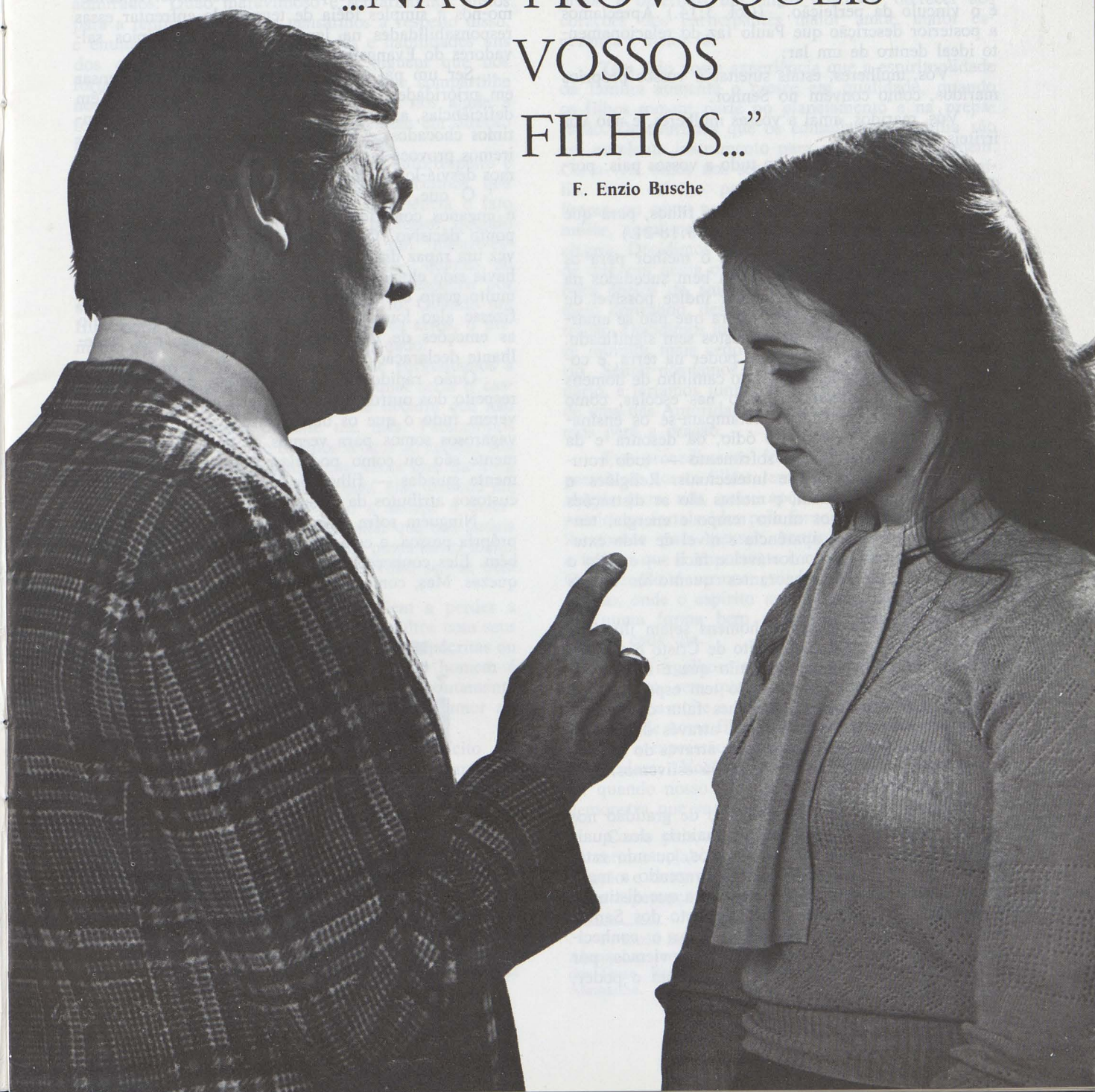
Sempre que minha mulher e eu analisamos as muitas responsabilidades que temos nesta vida, tentando colocá-las em sua ordem de importância, pensamos sempre em nossos filhos primeiro. O mais velho, Markus, acabou de fazer dezenove anos, e prepara-se para sair em missão. Mathias tem dezessete, e começou a aprender uma profissão. Maja, nossa única filha, tem dezesseis anos, e Daniel, o mais jovem, fez doze, e acabou de receber o Sacerdócio Aarônico.

Temos grande afeição por nossos filhos e um profundo sentimento de gratidão ao nosso Pai nos Céus, por tê-los entregue aos nossos cuidados. Sentimos que a maior alegria que poderemos experimentar nesta vida será ver nossos filhos desenvolverem-se até o ponto de se tornarem seres humanos felizes, que dominem suas mordomias em completa harmonia com as leis de Deus.

Mas também compreendemos sensivelmente a natureza delicada da alma humana — especialmente

“...NÃO PROVOQUEIS VOSSOS FILHOS...”

F. Enzo Busche



a dos filhos jovens. Quando uma nova vida se inicia no mundo animal, já vem equipada pela natureza com quase tudo o de que necessita, e o instinto supre as poucas carências que sobram. Com os seres humanos, é diferente. Não apenas uma criança, um filhote humano necessita, geralmente, de maiores cuidados físicos e alimentação, como depende totalmente dos pais para seu desenvolvimento espiritual e moral. Concomitantemente, cremos que é de crucial importância que os filhos sejam trazidos ao mundo — e esse é um processo que leva anos, é claro — em uma atmosfera de alegria e amor no lar, ou como disse o apóstolo Paulo, em uma atmosfera de "...caridade, que é o vínculo da perfeição." (Col. 3:14.) Apreciamos a posterior descrição que Paulo faz do relacionamento ideal dentro de um lar:

"Vós, mulheres, estais sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor.

Vós, maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas.

Vós, filhos, obededei em tudo a vossos pais; porque isto é agradável ao Senhor.

Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo." (Colossenses, 3:18-21.)

Quase todos os pais desejam o melhor para os filhos, a fim de ajudá-los a serem bem sucedidos na vida, para que consigam o melhor índice possível de conquistas; evitam provocá-los para que não se amargurem ou tenham vidas de protestos sem significado. Entretanto, Satanás tem grande poder na terra, e colocou várias pedras de tropeço no caminho de homens muito bem intencionados. Tanto nas escolas, como nos meios de comunicação, estampam-se os ensinamentos do materialismo, do ódio, da desonra e da indignidade, imoralidade e sofrimento — tudo rotulado com frases astutas e intelectuais. Religiões e filosofias falsas abundam, e muitas são as distrações nas quais despendemos muito tempo e energia, tentando melhorar nossa aparência e nível de vida exterior, tornando a vida confortável e fácil — e todo o tempo, permanecendo ignorantes quanto às nossas reais necessidades.

Muito embora todos os homens sejam iluminados com uma parcela do Espírito de Cristo e tenham um grau de conhecimento daquilo que é bom e direito, a maioria, em verdade, não tem esperanças de vida familiar santificada, pois lhes falta o conhecimento completo, tornado possível através da restauração do Evangelho de Jesus Cristo através do Profeta Joseph Smith. Minha mulher e eu já estivemos, uma vez, nesse estado.

Portanto, um profundo vínculo de gratidão nos liga aos pais dos missionários, a maioria dos quais nem conhecemos, que vieram até nós, quando estávamos casados, havia pouco tempo, trazendo a mensagem da Restauração. Esta é uma coisa que distingue os membros da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias do resto do mundo: o conhecimento seguro de quem somos, de onde viemos, por que estamos aqui, e para onde vamos, com o poder, é claro, para lá chegarmos.

Esta compreensão dá significado a todos os nossos relacionamentos familiares, e mantém, como coisa mais importante em nossas mentes, nosso amor e responsabilidades para com nossos filhos. Da mesma forma que nossos ancestrais pioneiros mórmons foram forçados a fugir através das planícies intermináveis, a fim de edificarem uma civilização no deserto, assim também nós sentimos viver em um deserto espiritual, com a responsabilidade de edificarmos uma nação vivente no oásis que a comunidade da Igreja representa. Sem o poder do sacerdócio, e sem as auxiliares e outros programas, tais como seminário, nós, pais, estaríamos perdidos e sozinhos. Encolhe-mo-nos à simples idéia de termos de enfrentar essas responsabilidades na ignorância dos princípios salvadores do Evangelho.

Ser um pai ou mãe significa aprender a pensar em prioridades. Os filhos nunca são perfeitos. Têm deficiências, algumas vezes tão grandes, que nos sentimos chocados, e tentados a agir de forma tal, que iremos provocá-los à ira. Mas, agindo assim, poderíamos desviá-los de seu destino principal, a vida eterna.

O que, então, fazer com os erros, deficiências e enganos cometidos pelos filhos? Creio ser este o ponto decisivo. Como mestre familiar, escutei certa vez um rapaz dizer, em frente a seus pais, que jamais havia sido elogiado. A resposta de seu pai foi: "Com muito gosto eu o teria elogiado, se você alguma vez fizesse algo louvável". Fiquei atônito. A que ponto as emoções de um filho seriam levadas por semelhante declaração?

Quão rápidos são nossos olhos para verem a respeito dos outros tudo o que não está correto, para verem tudo o que os outros fazem de errado. Quão vagarosos somos para vermos as pessoas como realmente são ou como poderiam tornar-se, se corretamente guiadas — filhos de Deus, adornados com os custosos atributos da pureza e virtude divinas.

Ninguém sofre mais com as imperfeições que a própria pessoa, e essa regra se aplica aos filhos, também. Eles conhecem suas falhas; conhecem suas fraquezas. Mas, como poderão obter a coragem para se



arrependerem, coragem para sobrepujar, se esta coragem não vier dos pais?

Minha mulher e eu concordamos que, no processo de amadurecimento espiritual, os filhos tenham o que poder ser chamado de direito de errar, de ter deficiências, de fazer as coisas erradas, mesmo após haverem sido corrigidos dez vezes. E cremos ser o dever dos pais compreender, suportar e perdoar, "... para que (os filhos) não percam o ânimo". Assim, transformamo-nos em autênticos detetives, procurando os talentos e as habilidades ocultas de nossos filhos, porque seus menores esforços para a aquisição de dons positivos precisam ser vistos, mencionados e admirados. Quão maravilhoso é sentarmo-nos juntos para a reunião familiar e pensarmos a respeito disso, e enumerarmos as boas qualidades e habilidades uns dos outros. Como precisamos de alguém que nos fortaleça em nossas boas intenções, que compartilhe nossas tristezas quando falhamos, que nos ajude a formular os objetivos que nos reorientem em direção às coisas de dignidade e valor eternos.

Tentamos guiar nossos filhos ao auto-respeito e dignidade e, na maioria das vezes, deixamos que julguem a si mesmos. Temos por experiência o fato de que alguém não é tão bom como professor, quando descobre e mostra os erros — sendo um "mestre-escola", como dizemos na Alemanha — quanto no momento em que ajuda uma criança a descobrir por si própria o que está fazendo de errado. Quando um filho pode compreender sozinho os seus erros, o primeiro passo para modificar-se já foi dado.

Lembro-me de certa vez em que perguntamos a nosso filho, após uma transgressão, qual seria o castigo que ele mesmo se imporia. Ele decidiu que não assistiria à televisão durante um mês. Pareceu-nos muito severo, mas como ficamos felizes ao escutar sua avó nos contar que, durante uma visita que lhe fora feita, como nosso filho insistiu com ela, dizendo-lhe que estava errada ao incentivá-lo a assistir a determinado programa de televisão, mesmo que nós jamais viéssemos a saber. Não acredito que possa haver maior alegria para os pais que verem um filho sair-se bem de uma situação difícil.

São os adultos os que mais põem a perder a humanidade e a destroem — alguns adultos com seus maus exemplos ou suas filosofias de vida hipócritas ou cínicas. Que prova da origem divina do homem é ver crianças puras, inocentes. E que desapontamento sentimos ao vermos quão insensíveis e sem amor alguns pais conseguem ser para com elas!

Numa análise profunda, o dever implícito em uma justa mordomia sobre os filhos é comparável a uma luta, luta diária conosco mesmos, a fim de nos tornarmos tão espirituais, tão puros, tão cheios de devoção e amor, para que sejamos exemplos e companheiros. Quanto mais aprendermos, como pais, e conscientemente escutarmos, sem interromper, e absorvermos o que é dito, mais simples será ensinar.

Ouvi falar a respeito de um líder na Igreja que fazia uma oração silenciosa toda vez que ia entrar em casa — uma oração a fim de ter força, para, de uma forma justa, levar adiante suas responsabilidades como pai e marido.

Não é fácil elevarmo-nos acima de todas as irritaçõeszinhas que aparecem a cada dia, com dignidade e harmonia, e descobrimos que é muito difícil vencer esse problema, a menos que tenhamos o hábito diário de estudar as escrituras, e aprender a ser guiados pelo Espírito, mesmo nas pequenas decisões. Da mesma forma tivemos noites familiares muito especiais, completamente diferentes daquilo que havíamos planejado, simplesmente porque o momento assim o exigiria. É um perigo encarar a noite familiar apenas como um programa para se cumprir a letra da lei. Descobrimos que é bom variar o local e a ordem dos acontecimentos, a fim de termos momentos de surpresa, e obtermos um único objetivo: oferecer aos corações dos participantes maior amor, maior esperança e maior fé.

Tem sido nossa experiência que a espiritualidade da família aumenta e cresce em qualidade, quando os filhos tomam parte no planejamento e na preparação. Descobrimos que os conselhos de família são um excelente instrumento para organização e ordem. Certa vez, todos nos sentamos em conselho de família, num esforço para decidir como iríamos melhorar, ou como poderíamos melhorar nossa vida familiar, aprofundar nossas afeições e expandir nossa alegria. Decidimos que um dos problemas era o fato de que, em nossa oração familiar matinal, muito embora cheios de amor e devoção, estávamos sempre meio dormindo, despreparados, incapazes de concentração. Decidimos juntos, que nos levantaríamos quinze minutos mais cedo do que o usualmente necessário. Sentar-nos-íamos, cantaríamos um hino do hinário, e leríamos juntos as escrituras ou um discurso de uma das Autoridades Gerais antes de nos ajoelhar-mos para a oração.

Este procedimento, fortalecido pelo compromisso pessoal de nossos filhos, tem sido uma fonte de grande alegria para nós, pois, após nossos espíritos serem nutridos e fortalecidos pela fonte de águas vivas, ajoelhamo-nos para pensar, sentir, e estar receptivos a tudo o que é importante e não pode ser esquecido. Que bênção é sermos guiados até um nível tal de oração, onde o espírito nos dirige e nos dá o poder de, numa forma bem sucedida, enfrentar os desafios de cada dia.

Quão orgulhoso e grato sou, quando nosso filho mais jovem, sem que sua mãe o mande, me dá um beijo de boa-noite e me diz: "Eu o amo." Ou quando o sorriso de nossa filha nos mostra que ela é feliz; ou quando a expressão de nosso filho de dezessete anos, nos declara: "Vocês dois sempre são bons para mim"; ou quando nosso filho mais velho nos diz algo que demonstra que sua confiança em nós é completa.

Como pais, experimentamos as maiores bênçãos — sermos colaboradores com Deus, companheiros na criação e desenvolvimento de uma nova vida e uma nova esperança.

F. Enzo Busche, presidente de uma gráfica e editora na Alemanha, serve como representante regional do Conselho dos Doze. Reside na Ala de Dortmund, Estaca Düsseldorf-Alemanha.

John Lloyd Stephens

e os Maias

James S. Packer

Resumido por
Norbert e Breda Bensch

John Lloyd Stephens, um advogado de New York, jamais conheceu Joseph Smith, nem há qualquer evidência de que jamais tenha lido o Livro de Mórmon. Ainda assim, a conquista mais importante de sua vida, iria, mais tarde, servir como testemunho concreto ao livro espiritual, traduzido por seu contemporâneo, Joseph Smith.

Tal conquista começou na selva hondurenha, em um dia quente e úmido de novembro de 1839, quando John Stephens e seus dois auxiliares nativos, numa escavação, encontraram uma estátua no solo da floresta. "Francisco encontrou os pés e pernas, e Bruno uma parte do corpo", escreveu Stephens, "e o efeito foi como o de um choque elétrico". Victor W. Von Hagen escreveria mais tarde a respeito daquele dia: "um novo mundo, uma nova ciência — a Arqueologia Americana — acabava de nascer". John Lloyd Stephens foi o seu fundador.

Sem ser um estranho às viagens ou à fama, Stephens já havia viajado, tendo percorrido e escrito acerca da Europa, Oriente Próximo, Egito, Arábia e a Terra Santa. Seus pés eram incansáveis, e ele tinha desejos de visualizar o passado, parecendo que lhe faltava ainda mergulhar profundamente em seu real destino.

Em uma visita a Londres, Stephens deu de encontro pela primeira vez com seu futuro, em forma das **Descrições de uma Antiga Cidade**, por um certo Capitán Del Río, que havia visitado uma cidade desconhecida e em ruínas no México, chamada Palenque. Posteriormente, ouviu falar a respeito de outra cidade perdida do México, Uxmal. Em 1835, leu em um jornal especializado que descrevia uma cidade em ruínas de Honduras, Copan.

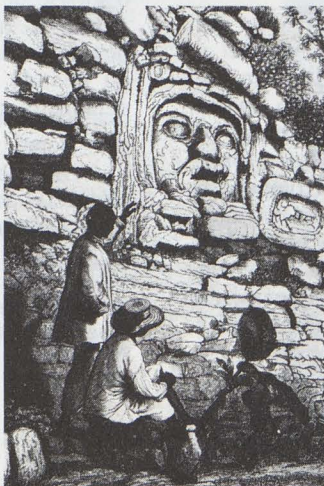
Palenque, Copan, Uxmal. Sua mente estava agora agitada com as visões de uma civilização nebulosa que havia existido na América Central. Surpreendentemente, porém, ele parecia o único interessado. "Em vez de movimentar a opinião pública", escreveu, "o artigo sobre Copan não causou o mesmo interesse". Não obstante, ele anunciou sua intenção de procurar essas cidades perdidas.

"Absurdo!" clamaram cientistas e público. Os índios nunca foram além da conhecida selvageria. Os americanos da época creriam em quase tudo, menos em uma civilização "indígena", a despeito da evidência das conquistas. Tais provas ou eram ignoradas, ou não eram levadas a sério, por serem consideradas vaidades dos espanhóis que as divulgaram. Estudiosos e historiadores apegaram-se fortemente às suas crenças antiquadas e riam-se dos esforços de Stephens.

O que havia, na verdade, era pouquíssima evidência documentada a seu favor. Os que se opunham a Joseph Smith iriam difamá-lo por plágio, por exemplo, quando nada havia para ser plagiado. Mesmo em 1839, o Sr. Stephens, muito culto e rico, tinha grandes dificuldades para encontrar qualquer evidência real de uma antiga cultura americana. Suas parcas referências eram paupérrimas de detalhes. E na época de Joseph Smith, registros eram ainda mais pobres, ou mesmo inexistentes.

Esta escassez de informações fez mesmo do irreprimível Stephens alguém um pouco cético, embora com grandes esperanças. Em companhia de um espírito irmão, e reconhecido artista, Frederic Catherwood, zarpou para a América Central.

Seu primeiro objetivo, Copan, era um doentio vilarejo, com casinhas de paredes de barro. Mas a descoberta avizinhava-se. Um guia nativo levou-os através da floresta



até a margem de um rio. Do outro lado, erguia-se um muro de pedra de cerca de 30 metros de altura — os limites da antiga Copan, e de uma nova era na história. Atravessando o rio e rapidamente escalando a muralha, encontraram-se em meio ao decaído relicário de uma civilização esquecida.

“Abrindo nosso próprio caminho através da densa mata”, escreveu Stephens, “chegamos até uma coluna de pedra quadrada, com cerca de 4,5 metros de altura... esculpida em todos os quatro... lados... em alto-relevo bem saliente... obras de arte... algumas iguais aos mais ricos monumentos dos egípcios.

A América (diziam os historiadores da década de 1830) era povoada por selvagens; mas selvagens jamais edificariam estas estruturas, selvagens jamais entalhariam estas pedras. Quando perguntamos aos índios se sabiam quem as havia feito, sua resposta lacônica era sempre “Quién sabe?”

Os estudiosos e historiadores do mundo ocidental não poderiam ter respondido melhor também. Copan — e os Maias — emergiam para seu altíssimo nível de arte e cultura, na mesma época em que a Europa decaía nas eras tenebrosas. Conquistaram as florestas e enfileiraram suas cidades através do Yucatan, da mesma forma que se agrupam pedras preciosas em um colar. Mas, para o Velho Mundo, seus feitos e sua história eram tão mudos, como a silenciosa floresta onde viviam.

Algum tempo antes de 900 A. D., entretanto, os Maias abrupta e misteriosamente saíram de cena no palco da história. Por cerca de mil anos, Copan ficou sepultada pelas densas e indecassáveis florestas hondurenhas até que, em 1839, sua paz foi perturbada por Stephens e Catherwood.

Ambos não conseguiram ver tudo, pois a floresta era muito densa. Concentraram-se apenas nos “ídolos” insepultos, as “stelae”, ou rosetas. Imensos monolitos de trinta toneladas cada, entalhados com incrível profusão de figuras, flores e animais. Erigidos em datas pré-estabelecidas, a fim de comemorarem eventos desconhecidos para nós, representavam o clímax do gênio maia.

Numa odisséia de dois anos, Stephens e Catherwood descobriram e redescobriram Copan, Palenque, Uxmal, Chi-

chén Itzá, e quarenta outros recantos maias em ruínas.

O mistério aprofundou-se, e as reações de Stephens foram como uma verdadeira rapsódia. Em Palenque, ele disse:

“Ali estavam os remanescentes de um povo culto, ilustrado e peculiar, que passou por todos os estágios relativos à ascensão e queda de nações; chegou aos anos dourados, e pereceu, totalmente desconhecidos. Os elos que o prendiam à família humana foram partidos e perderam-se, e estes foram os únicos memoriais de seus passos sobre a terra... No romance da história do mundo, nada me impressionou mais fortemente que o espetáculo disto, que uma vez foi uma grande e adorável cidade, hoje destruída, desolada e perdida; descoberta por acidente, suplantada por árvores que a cercam num raio de muitas milhas, e sem sequer um nome que a identifique.”

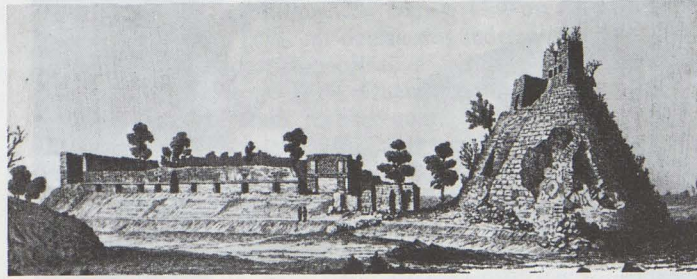
A dedicação dos dois exploradores descobrindo esses mistérios, frustra a mente moderna. Numa época em que os cavalheiros ficavam em casa, esses dois sofreram fome, malária, miríades de ataques de insetos, extremo desconforto físico, e quase a morte. E para conseguir o quê?

A história classifica Stephens entre os seus grandes. Sua contribuição é comparada à de Champolion* e sua pedra de Rosetta ou a Schliemann** e sua Tróia.

Do nosso ponto de vista, a importância de Stephens é tremenda: John Lloyd Stephens e Joseph Smith nunca se encontraram, mas o clamor do Livro de Mórmon no deserto ficou agora reforçado pelo testemunho físico e concreto de Stephens, a respeito do povo de Léhi, o qual se espalhou pelo mundo.

* Jean François Champolion (1790-1832), egiptólogo francês, que descobriu uma pedra com inscrições em três línguas. Com essa pedra, ele foi capaz de decifrar a escrita egípcia antiga.

** Heinrich Schliemann (1822-1890), arqueólogo alemão, que fez escavações em Anatólia, desenterrando a Cidade de Tróia, e provando que essa cidade grega, até então legendaria, realmente existiu.



Estes desenhos notavelmente detalhados, foram feitos pelo artista inglês Frederick Catherwood, que acompanhou John Lloyd Stephens nas explorações das cidades maias em ruínas Chiapas e Yucatan, na América Central.



O FINANCISTA E O BISPO BUNKER

William Hartley

“Lembre-se, só cinco minutos”, advertiu o recepcionista, ao encaminhar o negociante Nephi L. Morris, de Salt Lake City, até o luxuoso escritório em Chicago, do importante financista Thomas N. McCauley. O financista, poderoso industrial, de posse do cartão de visita do Sr. Morris, que lhe foi entregue pelo recepcionista, fê-lo entrar. O recepcionista, por sua vez, permaneceu junto à porta, para assegurar-se de que o limite de cinco minutos não seria excedido.

“Vejo que é de Salt Lake City”, disse o ocupado executivo. “Sente-se, Sr. Morris. Já que o senhor é de Utah, quero-lhe contar uma experiência que tive anos atrás em seu estado natal.” Sem esperar qual seria a razão profissional da visita do sr. Morris, o sr. McCauley desmarcou sua ocupadíssima agenda de trabalho, e o nervoso recepcionista foi dispensado por um momento, sendo que durante uma hora inteira, o visitante escutou uma experiência singular que estava na memória do visitado.

O Sr. McCauley explicou que, enquanto era ainda jovem, acumulara uma fortuna nos Estados do Leste, antes da virada do século. Mas o excesso de trabalho arruinou-o fisicamente. Seu médico advertiu-o de que a única esperança para uma recuperação seria o jovem executivo passar um período entre seis meses até um ano no oeste, vivendo ao ar livre. Aceitando com relutância o conselho médico, o Sr. McCauley entregou seus grandes negócios nas mãos dos sócios, e foi para o oeste, acompanhado do médico.

Durante meses, os dois homens acamparam em um carroção coberto, enquanto viajavam despreocupadamente pelas regiões das Montanhas Rochosas. Aí, quando a recuperação estava quase completa, McCauley apanhou uma febre de 40 graus e tinha muitos calafrios. O médico, temendo pela vida do paciente, dirigiu-se rapidamente ao próximo povoado, que era Bunkerville, em Nevada. Era um pequeno povoado mórmon, perto da quina sudoeste de Utah. Não gostando nada dos mórmons, o médico, entretanto, teve de engolir seu orgulho e pedir ajuda na casa de um rancheiro local, Edward Bunker, Jr., que seria, mais tarde, o bispo da cidade, e era filho do homem sob cujo nome a cidade foi chamada.

Os forasteiros não tinham conhecimento de que o lar deste homem freqüentemente servia como hospital, ou hotel para as pessoas que passavam por estas regiões estéreis. Durante os anos de 1883 a 1908, em que serviu como bispo, o irmão Bunker foi também o médico local, consertando uns 40 braços e pernas quebrados, amputando dedos, rasgando tumores, e uma vez também, de maneira bem sucedida, costurando, e pondo de volta no lugar o pé de um rapaz que havia sido amputado por uma segadeira. De acordo com a tradição local, a família Bunker quase nunca jantava sozinha, em face da boa hospitalidade do bispo. Os viajantes podiam ficar hospedados na casa dos Bunker o quanto quisessem, essa era a Lei de Bunker, mas seriam tratados como alguém da família, e não poderiam perturbar a vida normal da mesma.

McCauley e seu médico foram rapidamente bem-vindos e lhes foram prometidas todas as acomodações que os poucos recursos da comunidade poderiam prover. Seu carroção e os animais foram cuidados. Alimento foi providenciado. Cama e suprimentos foram arranjados, e a sala de estar dos Bunker foi convertida em ala hospitalar provisória.

Dia após dia, o médico e os Bunker cuidadosamente trataram do paciente, criticamente enfermo. As semanas se passaram, e McCauley fez um pequeno progresso. O médico passava seu tempo com o doente, ou fora, consigo mesmo. E enquanto confinado, fraco, àquela cama, o jovem estava em posição ímpar, entretanto, para testemunhar as atividades diárias desta humilde família Santo dos Últimos Dias.

Nas horas em que a porta da sala de estar ficava entreaberta, McCauley podia olhar para o recinto anexo, onde, após um dia de trabalho árduo na fazenda, a família abençoava e depois comia o alimento à noite. Muitas vezes, na calada da noite, McCauley observava todos se ajoelharem em oração familiar, e o bispo freqüentemente orava em voz alta.

Finalmente, a condição do paciente melhorou o bastante para que o médico lhe permitisse retomar a viagem. Na manhã da partida de ambos, a família Bunker levantou-se cedo, como de costume. Inadvertidamente, eles haviam acordado seus hóspedes que não puderam deixar de ouvir a oração especial que a família fez em seu favor. A família reuniu-se na sala de jantar, onde o bispo, homem vigoroso, ajoelhando-se ao lado dos filhos, e tão humildes como eram, reverentemente derramou sua alma em súplica. Entre outras coisas, agradeceu com fervor a Deus por ter abençoado seu hóspede com boa recuperação da saúde, e invocou uma bênção especial para uma cura completa e perfeita.

Durante a oração, McCauley observou que seu amigo médico saiu silenciosamente da sala de visitas, com lágrimas correndo pelas faces. McCauley, reconhecendo a fé que era exercida a seu favor, não podia evitar suas próprias lágrimas, enquanto um sentimento profundo de gratidão lhe enchia a alma. Como confessou, enquanto contava a história ao irmão Morris, anos depois: "Jamais ouvi uma oração assim em toda minha vida."

Após orarem, os membros da família passaram a cuidar de seus afazeres diários, enquanto o bispo

Bunker entrou na sala de visitas para dizer adeus a seus hóspedes. Apertando as mãos de McCauley, expressou ao cidadão vindo dos Estados do Leste seu grande prazer em ter sido favorecido com o privilégio de prestar um ato de solidariedade. Desejou, em seguida, a ele e ao médico, os votos de uma boa viagem.

"Sou imensamente grato a você, bispo Bunker", disse McCauley, "e desejo recompensá-lo convenientemente por seus misericordiosos cuidados para comigo, o que foi responsável pela salvação de minha vida. Sou um homem muito rico, e recompensá-lo generosamente será, para mim, um grande prazer."

Sabendo que a vida dos Bunkers era difícil, e que lhes faltavam muitas coisas materiais, McCauley ficou surpreso, quando o bispo, bondosamente, recusou sua oferta. "Não", disse o mórmon, "não posso aceitar nada de você. Fiz apenas o que qualquer homem faria por seu irmão."

"Mas eu preciso fazer algo para recompensá-lo por tudo o que fez por mim. Não posso deixá-lo sem uma compensação. Por favor, diga-me o que poderei fazer por vocês, seja em dinheiro, ou de outra maneira."

Com essa oferta, o hospitaleiro bispo respondeu: "Já estou mais que pago por minha ajuda a você. A única maneira que você poderá pagar-me, será fazer para alguém mais que precise de ajuda, as mesmas coisas que fiz, alegremente, para você".

E isto encerrou o negócio, no que se referia ao bispo Bunker.

Mas McCauley jamais se esqueceu do débito que sentia ainda dever, e, nos anos subseqüentes, ele mais que o pagou, principalmente ajudando Santos dos Últimos Dias. Quando se buscaram doações para edificar um monumento em Utah, para Brigham Young, o nome de McCauley encabeçou a lista de doadores com uma contribuição de mil dólares. Durante o julgamento do Senador Reed Smoot, na condição de membro do Senado por Utah, o influente financista pessoalmente manteve entendimentos com o vice-presidente William Howard Taft, em defesa dos mórmons. Ofereceu oportunidades financeiras a vários líderes da Igreja e do Estado de Utah. Quando dois preeminentes mórmons sofreram reveses monetários durante a crise financeira de 1907, McCauley devolveu-lhes as notas promissórias e cancelou todas as obrigações de empréstimos para com ele.

E sempre que as oportunidades se apresentaram, mesmo que significassem transformar cinco minutos de uma entrevista para uma discussão de um hora seguida, o financista sentia uma obrigação de relatar aos oriundos de Utah, como o irmão Morris, acerca de sua luta com a morte nas terras áridas de Nevada, onde um bispo mórmon, a quem nunca havia visto antes, e nem depois, tinha exercido sua fé em Deus, para ajudá-lo, a ele, um forasteiro, a se recobrar. E isto era algo, conforme McCauley explicou, que toda sua riqueza e poder não poderiam jamais suplantar.

A história impressionou tanto ao irmão Morris, que ele imediatamente a registrou. Vinte anos mais tarde, em 1943, escreveu aos descendentes do bispo Bunker, e compartilhou com eles a história, que é agora uma fonte de inspiração e orgulho para a família.

Um Apelo aos Élderes em Perspectiva



Élder Boyd K. Packer
Do Conselho dos Doze

Se vocês
voltarem,
logo poderá ser
como se nunca
se houvessem
afastado

Estou consciente, meus irmãos, do fato de que, ao final desta reunião, falará o Presidente Kimball. Antes que ela começasse, eu lhe disse que tinha três discursos preparados, de durações diferentes. Durante o hino, recebi uma nota do presidente, pedindo-me que usasse o mais longo de todos...

Lembro-me de uma experiência que tivemos no Colorado, quando lá estivemos, a fim de reorganizar uma estaca. A reunião estava para terminar, havia apenas dez minutos restantes, e nenhum de nós havia ainda falado. O presidente da Estaca anunciou o meu nome. O presidente Kimball inclinou-se para mim e disse: "Por favor, use todo o tempo".

Prestei um testemunho de um minuto e voltei ao meu lugar. Enquanto o Presidente da estaca anunciava o Presidente Kimball, observei que ele escrevia uma nota. Ao se levantar, entregou-a a mim. Nela, havia cinco palavras: "Obediência é melhor que sacrifício"... (Ver I Samuel 15:22.) Sendo assim, hoje agirei obedientemente.

Ao chegarmos ao final de outra grande conferência, meus irmãos e irmãs, nossos corações foram tocados pelos sermões, a virtude foi elevada dentro de nós, e, constantemente, nossos pensamentos focalizaram aqueles que não têm, em suas vidas, uma forte influência espiritual.

Entre esses, há um grande corpo de homens na Igreja, que perderam algo de seu progresso espiritual que é tão importante em suas vidas. São os élderes em perspectiva.

O ofício de um élder é um chamado de dignidade e honra, autoridade espiritual e poder. A designação "em perspectiva" indica esperança, otimismo e possibilidade. Falo agora a eles, hoje, sabendo que há, talvez, muitos outros a quem esta mensagem se aplique. Estarei certo ao afirmar que, ocasionalmente, bem no íntimo, vocês desejam ser parte da Igreja? O que vocês não sabem muito bem é como começar, e talvez, nos momentos de profunda meditação, digam: "Se eu apenas não me houvesse desviado do caminho..."

"Se eu tivesse tido uma oportunidade quando era mais jovem."

"Perdi muitas coisas."

"É muito tarde para mim."

"Já correram muitas águas, muito tempo já se passou."

Vocês querem se chegar, mas vão deixando os sentimentos e o pensamento sobrepujá-los: "Bem, é muito difícil, e não tenho nem como começar."

Tive uma experiência com a qual aprendi uma lição muito importante, lição essa que deveria ter aprendido mais cedo. Revivi-a na semana passada, quando estávamos no Japão, e cheguei à conclusão de que deveria mencioná-la na conferência.

Durante a Segunda Guerra Mundial, eu era um piloto na Força Aérea. Após servir nas Ilhas do Pacífico, passei um ano no Japão com as forças de ocupação. Era óbvio que se fazia mister aprender umas poucas palavras em japonês. Era necessário que soubéssemos como nos orientar e como pedir algo para comer.

Aprendi as saudações habituais, alguns cumprimentos e números, e, como muitos outros membros da Igreja, passei todas as minhas horas de folga fazendo a obra missionária entre os japoneses, e aprendi deles algumas poucas palavras do que eu pensava ser uma língua muito difícil.

Em julho de 1946, os primeiros batismos tiveram lugar em Osaka. O irmão e a irmã Tasui Sato foram batizados. E apesar de outros haverem ensinado a maior parte das lições, tive o privilégio de batizar a irmã Sato.

Embora não fôssemos infelizes no Japão, havia apenas uma coisa em nossas mentes, e era voltar para casa! Eu estava fora havia quase quatro anos. A guerra terminara, e eu queria ir para casa.

Quando chegou, finalmente, o dia, supus que jamais retornaria ao Japão, e como que simplesmente encerrei mais esse capítulo.

Os anos seguintes encontraram-me ocupado, estudando, cuidando de uma família. Não havia japoneses à minha volta, e nem havia oportunidade para usar as poucas palavras que aprendera. Foram deixadas no passado muito distante e obscuro, apagadas pelos 26 anos de esquecimento. Foram-se, eu pensei, para sempre. Então fui designado para o Japão.

Na manhã após minha chegada a Tóquio, estava saindo da Casa da Missão com o Presidente Abo, no momento em que um élder japonês lhe falou em sua língua nativa. O Presidente Abo disse-me que o assunto era urgente e pediu desculpas pela demora.

O Presidente olhou alguns papéis juntamente com o élder, discutindo-os em japonês. Então, tomou uma das cartas e, indicando uma frase, perguntou: "Korewa..."

E antes que pudesse completar a sentença, eu já a tinha completado em minha mente: **korewa nan des'ká?** Eu sabia o que ele estava dizendo. Eu sabia que o que ele estava perguntando ao missionário. **Korewa nan des'ká** significa "O que é isto?" Após 26 anos, tendo passado apenas uma noite no Japão, uma sentença havia-se avivado em minha mente — **Korewa nan des'ká.** "O que é isto?"

Eu não havia empregado essas palavras durante 26 anos. Pensei que jamais as usaria novamente. Mas elas não estavam perdidas.

Passei dez dias no Japão, e concluí minha visita em Fukuoka. Na manhã em que deveria partir, fomos levados ao aeroporto pelo irmão e irmã Watanabe. Eu ia no banco de trás do carro, praticando, com seus filhos, minha lista de palavras, de há muito esquecidas. E eles, com deleite, ensinavam-me algumas novas.

E então, lembrei-me de uma pequena canção que havia aprendido havia 26 anos, e cantei-a para as crianças:

**Momotaro-san, Momotaro-san
Okoshi ni tsuketa kibi dango
Hitotsu watashi ni kudasai na**

Acho que, do jeito que cantei, o irmão Ottley* não se sentiria muito bem, mas...

A irmã Watanabe disse: "Conheço essa música". E assim, cantamo-la juntos para as crianças, e ela me disse o seu significado, e em fazendo-o, lembrei-me também.

É a história de um casal japonês sem filhos, que havia orado por um filho. Certo dia, na semente de um grande pêssego, encontraram um menininho, e chamaram-no Momotaro. A canção também fala de seu heroísmo para salvar o povo de um terrível inimigo.

Eu conhecia aquela música já por 26 anos, mas não sabia que a conhecia. Nunca havia cantado a melodia para meus próprios filhos, e nem lhes falara a respeito de sua história. Ela tinha sido sufocada sob vinte e seis anos de atenção a outras coisas.

Pensei nisso como uma experiência bastante importante e concluí, finalmente, que nada que é bom se perde. Uma vez, que estive de volta entre o

povo que falava a língua, tudo o que possuía voltou-se-me muito rapidamente. E até achei fácil adicionar mais umas poucas palavras ao meu vocabulário.

De forma alguma sugiro que isso tenha acontecido como resultado de uma mente alerta ou de memória aguçada. Foi apenas a demonstração de um princípio de vida que se aplica a todos nós. Aplica-se a vocês, meus irmãos, élderes em perspectiva, e a outros em situação idêntica.

Se vocês retornarem ao meio onde as verdades espirituais são faladas, fluirão de volta às suas mentes as coisas que vocês julgavam perdidas. Coisas sufocadas sob muitos anos de desuso e inatividade emergirão. Sua habilidade para compreendê-las será vivificada.

Essa palavra **vivificada** é frequentemente usada nas escrituras, como vocês sabem.

Se fizerem sua peregrinação de volta aos Santos, logo estarão compreendendo mais uma vez a linguagem da inspiração. E mais rapidamente do que imaginam, parecerá que nunca se afastaram. Oh, quão importante é para vocês compreenderem que, se voltarem,



logo será como se nunca se houvessem afastado.

Quando fui presidente da Missão na Nova Inglaterra, fui até uma conferência de zona; e ao entrarmos na sala onde os jovens élderes estavam esperando, eu vi, sentado na última fila, um homem alto e velho.

"Fui batizado há poucos dias", disse-me. "Tenho 74 anos, e só agora encontrei o Evangelho em minha vida."

Numa voz que implorava, pediu-me para assistir à reunião. "Quero apenas ficar aqui para aprender", disse. "Sentar-me-ei na última fila. Não perturbaréi."

Então, quase em lágrimas, lamentou-se: "Por que não o encontrei até agora? Minha vida está no fim. Meus filhos todos criados, que já se foram, e é tarde demais para eu aprender o Evangelho."

Que alegria foi explicar-lhe um dos grandes milagres que ocorrem repetidas vezes, que é a transformação daqueles que se filiam à Igreja. (ou, posso dizer, daqueles que se re-filiam à Igreja). Eles estão no mundo, e são do mundo, e então os missionários os encontram. Embora permaneçam no mundo depois, não mais serão do mundo. Muito rapidamente em seus sentimentos, pensamentos e ações, é como se tivessem sido membros da Igreja durante toda a vida.

Este é um dos grandes milagres desta obra. O Senhor tem uma maneira de compensar e abençoar. Ele não está confinado aos tediosos processos de comunicação, e nem está limitado à língua japonesa ou inglesa.

Há um processo sagrado pelo qual a inteligência pura pode ser levada para dentro de nossas mentes, e podemos entender instantaneamente coisas que, de outra maneira, levariam um longo período de tempo para serem absorvidas. O Senhor pode inspirar nossas mentes, especialmente quando somos humildes e buscamos.

Ao viajarmos pela Igreja e nos reunirmos com os presidentes de estaca e outros líderes da Igreja, nós os admiramos por sua compreensão do Evangelho e seu conhecimento dos procedimentos e princípios da Igreja. Frequentemente ficamos surpreendidos ao saber que houve períodos de inatividade em suas vidas — algumas vezes períodos longos — ou ao sabermos que se batizaram recentemente na Igreja.

Esses anos passados, que freqüentemente julgamos perdidos, são, na maioria das vezes, ricos de muitas lições, algumas delas arduamente aprendidas, que se tornam significativas quando a luz da inspiração brilha sobre elas.

Pode ser que vocês nunca tenham lido a parábola dos trabalhadores na vinha, e gostaria de citá-la.

“Porque o reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha.

E, ajustando com os trabalhadores a um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha.

E, saindo perto da hora terceira, viu outros que estavam ociosos na praça.

E disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e dar-vos-ei o que for justo. E eles foram.

Saindo outra vez, perto da hora sexta e nona, fez o mesmo.

E, saindo perto da hora undécima, encontrou outros que estavam ociosos, e perguntou-lhes: Por que estais ociosos todo o dia?

Disseram-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou. Diz-lhes ele: Ide vós também para a vinha, e recebereis o que for justo.

E aproximando-se a noite, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o jornal, começando pelos derradeiros até aos primeiros.

E, chegando os que tinham ido perto da hora undécima, receberam um dinheiro cada um.” (Mateus 20:1-9.)

Há pagamento suficiente — um cruzeiro, digamos — para cada um: aqueles que começaram cedo, e, graças ao Senhor, aqueles que chegaram atrasados. Não há falta de salas no reino celestial. Há espaço para todos.

Nesta vida, estamos sempre em confronto com um espírito de competição. Times disputam uns contra outros, em relação de adversários, a fim de que um seja escolhido como vencedor. Cremos então que sempre que há um vencedor deva também haver um perdedor. Acreditar nisso é ser mal orientado.

Aos olhos do Senhor, todos podem ser vencedores. É verdade que precisamos conseguir a vitória; mas se há competição em seu trabalho, não é con-

tra outra alma — é contra aquilo que fomos.

Não direi que é uma luta fácil. Não estou falando a respeito de aparência de transformação. Estou falando a respeito de **transformação**, mudança real. Não direi que é fácil. Direi que é possível, e possível rapidamente.

Não li toda a parábola. Há mais nela. A última parte dela é dirigida a nós, penso, que somos ativos na Igreja. Permitam-me repetir um versículo ou dois, e então continuar.

“E aproximando-se a noite, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o jornal, começando pelos derradeiros até aos primeiros.

E chegando os que tinham ido perto da hora undécima, receberam um dinheiro cada um.

Vindo, porém, os primeiros, cuidaram que haviam de receber mais; mas do mesmo receberam um dinheiro cada um;

E, recebendo-o, murmuravam contra o pai de família.

Dizendo: Estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualaste conosco, que suportamos a fadiga e a calma do dia.

Mas ele, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço agravo; não ajustaste tu comigo um dinheiro?

Toma o que é teu, e retira-te; eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti.

Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?

Assim os derradeiros serão primeiros, e os primeiros derradeiros; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” (Mateus 20: 8-16).

Desejo que vocês, irmãos élderes em perspectiva, saibam o quão arduamente trabalhamos em prol de sua redenção. Quão ansiosamente oramos para que vocês possam voltar à Igreja e ao reino de Deus, e falarem mais uma vez a linguagem de inspiração — seja após dois ou vinte e seis anos, ou toda uma vida. E, repito, logo será como se vocês nunca tivessem estado fora.

Há algo mais em seu passado que vocês, da mesma forma, começarão a se recordar. Sabemos, pelas revelações, que vivíamos antes de irmos à mortalida-

de. Temos experiências sobre as quais podemos basear-nos, de nossa terra mortal.

Somos os filhos de Deus. Vivíamos com ele antes de nascermos. Viemos de sua presença para recebermos um corpo mortal e sermos provados.

Alguns de nós nos desviamos de sua influência e pensamos que o esquecemos. Pensamos algumas vezes, também, que ele nos esqueceu.

Mas, da mesma forma que aquelas poucas palavras do idioma japonês puderam ser lembradas após 26 anos, também os princípios de retidão que aprenderam, enquanto crianças, estarão sempre com vocês.

E algo daquilo que aprenderam em Sua presença voltará durante os momentos de inspiração sussurrada, quando vocês descobrirem, e então sentirem, que estão aprendendo coisas familiares.

Essa desconfortável novidade de ter de fazer certas mudanças em suas vidas logo se dissipará, e em seguida vocês se sentirão completos e adequados em sua Igreja e seu reino. Aí saberão o quanto são necessários aqui, e quão poderosa sua voz de experiência poderá ser na redenção de outros.

Presto-lhes testemunho, meus irmãos, vocês que são élderes em perspectiva, e vocês em situações semelhantes, que o evangelho de Jesus Cristo é verdadeiro. Nós os amamos, e as milhares de vozes — as vozes dos mestres familiares do sacerdócio, das irmãs da Sociedade de Socorro, dos bispos, dos presidentes de estaca, dos líderes de quoruns — todos falando através da inspiração dele — as vozes daqueles que são chamados como líderes na Igreja, estão chamando vocês, como Davi chamou a seu filho desobediente, Absalão: “Volta, meu filho.” (Veja-se 2 Samuel capítulo 14.)

Que Deus permita a vocês, que são pais, que estão sem aquela inspiração em suas casas e em suas famílias, poderem voltar e falar, mais uma vez — após sua jornada no deserto, na linguagem de inspiração. E vocês poderão, da mesma forma, prestar testemunho de que vocês sabem, como eu sei, que ele vive. Em nome de Jesus Cristo, Amém.

* Jerold Ottley, regente do coro do Tabernáculo, sentado próximo ao púlpito.

Heróis do Livro de Mórmon

O Livro de Mórmon contém muitas histórias de homens que tiveram grande fé no Senhor Jesus Cristo. Algumas vezes esses homens foram colocados em situações nas quais passaram por grandes perigos. Díficeis tarefas a realizar foram-lhes dadas. Veja se você é capaz de citar o nome dos líderes nas seguintes histórias.

1) Este homem viveu na época imediatamente posterior ao dilúvio, durante a edificação da Torre de Babel. Recebeu mandamento do Senhor para construir barcos que levariam sua família e alguns de seus amigos a uma terra prometida. Após os barcos haverem sido construídos, necessitavam de luz, a fim de que as pessoas não cruzassem o oceano em escuridão. Este homem tomou dezesseis pequenas pedras, e apresentou-as ao Senhor, pedindo-lhe que as tocassem, para que brilhassem e alumiassem o caminho. Ele viu o dedo do Senhor, enquanto tocava as pedras. E, após, o Senhor revelou-se a si próprio a este homem. Era ele o irmão de Jared, Hagote ou Lamoni?

Confira sua resposta em Éter 3:6.

2) Este homem foi o líder de 2.000 jovens que lutaram valentemente pela liberdade dos nefitas. Estes 2.000 jovens haviam sido ensinados por suas mães que, se não duvidassem, Deus os livraria de qualquer perigo. E mesmo que tivessem sido feridos muitas vezes em batalha, nenhum deles perdeu a vida durante as lutas contra os lamanitas. Quem foi o líder desses 2.000 jovens?

Ache a resposta em Alma 53:18-19.

3) Este homem recebeu do Senhor o mandamento de partir de Jerusalém com sua família, para que não fossem destruídos. Viajaram por oito anos no deserto. Daí, cruzaram o oceano e chegaram à América. Quem foi este homem?

Você achará a resposta em 1 Néfi 2:1-2.

4) Quando tinha dez anos de idade, este rapaz foi visitado pelo profeta Amaron. Amaron disse ao rapaz que, quando tivesse vinte e quatro anos, deveria ir ao alto de um monte chamado Shim, onde encontraria os registros do povo nefita. Deveria escrever a história dos nefitas sobre as Placas de Néfi. Mais tarde, já homem feito, este rapaz resumiu muitos dos registros nefitas no que hoje é conhecido como o Livro de Mórmon. Qual era o seu nome: Morôni, Coriantumr, ou Mórmon?

Confira sua resposta em Mórmon 1:2-4.

5) Este profeta lamanita visitou o povo nefita e pregou-lhe o arrependimento. O povo irou-se e expulsou-o de suas cidades. Enquanto voltava para sua própria terra, o Senhor falou-lhe, dizendo que deveria retornar à cidade, e profetizar aquilo que lhe mandasse. Já que lhe era impossível entrar na cidade, o profeta escalou uma alta muralha e pregou ao povo. O povo tentou apedrejá-lo. Atiraram flechas sobre ele. Mas o Espírito do Senhor com ele estava, e não conseguiram atingi-lo. Após haver transmitido a mensagem que o Senhor lhe ordenara, este profeta saltou da muralha, e voltou a seu próprio país. Era seu nome Ammon, Samuel, ou Corior? Quem era ele?

Helamá 13:2-4; 16:1-7 contém a resposta.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____



DE AMIGO PARA AMIGO Reverência

Ilustrado por Pary Merkley

Meus queridos jovens amigos:

Nosso Pai Celestial é perfeito, e nós também podemos nos aperfeiçoar. Uma das qualidades próprias da perfeição, da semelhança com Cristo, que devemos desenvolver, que temos a obrigação de desenvolver, é a reverência, uma atitude que demonstra como nos sentimos a respeito do Pai Celestial e das coisas que ele nos mandou fazer. A pessoa reverente possui uma solene e calma dignidade. É preciso um coração puro para sermos reverentes. Reverência é mais do que simplesmente ficarmos quietos. É uma comunicação espiritual entre nós e nosso Pai nos céus. Quando somos reverentes, não fazemos coisa alguma que se reflita negativamente sobre o Senhor ou sua Igreja. E isto não quer dizer apenas durante as reuniões, mas também inclui nossa conduta onde quer que estejamos, ou seja o que for que estivermos fazendo.

Quando há brigas e discussões em casa, não é possível haver reverência. As crianças obedientes aos pais ajudam a proporcionar uma atmosfera reverente no lar, e isso é agradável ao Senhor. Os filhos que falam palavrões, tomam o nome do Senhor em vão, ou ficam contando histórias sujas ou duvidosas não são reverentes. Quando precisamos tomar uma decisão, devemos perguntar a nós mesmos: "O que Jesus gostaria de que eu fizesse ou falasse?"

A reverência durante as reuniões é parte muito importante da responsabilidade que temos, como membros de sua verdadeira Igreja. Todos nós ficamos muito bem impressionados pela reverência mostrada pelas crianças da Primária, ao entrarem na capela, quietas e com os braços cruzados. Sua reverência é um exemplo que todos os membros da igreja deveriam admirar e se lembrar, quando freqüentam quaisquer reuniões na capela.

Entretanto, a reverência não é evidenciada apenas na capela. Garotos e garotas que aprenderam a como serem reverentes, não correm para cima e para baixo nos corredores da capela, nem gritam ou falam alto dentro da Igreja. As pessoas reverentes não ofendem ou ferem os sentimentos das pessoas, nem fazem troça da roupa ou aparência de outros. Tentam, em vez disso, ser amáveis para com todos a quem encontram.

Tanto na Escola Dominical como na Reunião Sacramental, temos uma



cima e para baixo nos corredores da capela, nem gritam ou falam alto dentro da Igreja. As pessoas reverentes não ofendem ou ferem os sentimentos das pessoas, nem fazem troça da roupa ou aparência de outros. Tentam, em vez disso, ser amáveis para com todos a quem encontram.

Tanto na Escola Dominical como na Reunião Sacramental, temos uma oportunidade de mostrar ao nosso Salvador o quanto o amamos, sendo reverentes. Não é reverente ficarmos entrando e saindo da reunião sacramental, durante seu transcurso. Devemos beber água e ir ao banheiro antes de a reunião começar. O orador se perturba, quando alguém sai. Além disso, a atenção dos outros membros da congregação é distraída.

Tanto os oradores, como as pessoas responsáveis pela música oraram, e muitas vezes jejuaram, para conseguirem ajuda do Senhor em suas designações. A pessoa reverente escuta com cuidado e recebe a mensagem do orador.

Determinem-se a serem reverentes na reunião sacramental, nunca falando alto. Sussurrem apenas, e apenas quando for estritamente necessário. Cantem os hinos juntamente com seus pais. Os jovens e crianças têm belas vozes, e isso ajuda muito na reunião, quando cantam. É correto tomar o sacramento com a mão direita. E durante a bênção e distribuição do sacramento, devemos tentar pensar no Salvador.

Jovens que têm irmãos e irmãs menores, não devem importuná-los. Não devem ficar a toda hora pedindo aos pais ou mães que os levem lá fora. Seus irmãos e irmãs, e também, freqüentemente pessoas mais velhos, podem aprender a como serem reverentes, apenas observando seu exemplo.

Concluindo, quero dizer que, ao nos tornarmos reverentes, nós nos preparamos para ir ao templo, um lugar belo e sagrado. As palavras "Santidade ao Senhor" inscritas na parede do templo, indicam os sentimentos reverentes daquelas almas dignas que ali entram. Algum dia, se formos reverentes verdadeiramente, e se vivermos com dignidade, cada um de nós terá o privilégio de entrar em um dos templos do Senhor. Essa experiência sagrada e santificante nos ajuda a nos sentirmos mais próximos de nosso Salvador.

Oro para que cada um de vocês, jovens, sempre tente ser reverente, e que cada um de vocês, a seu tempo, esteja em condições de entrar num templo, o mais sagrado de todos os edifícios da Igreja sobre a terra.

Com amor e afeição,

Vaughn J. Featherstone,
do Primeiro Quorum dos Setenta.



Momentos de Coragem

Escrito e ilustrado por Keith Christensen



Quando o Presidente Joseph F. Smith tinha apenas quinze anos de idade, foi chamado para servir em missão nas Ilhas Sandwich. Quatro anos depois, foi desobrigado dessa missão



Ele e três outros missionários, zarparam para San Francisco.



Nessa época, na Califórnia, os Mórmons eram odiados por causa das falsas e exageradas histórias que se inventavam a seu respeito. O irmão William Wall quase foi enforcado em Los Angeles, pelo simples fato de admitir que era um Mórmon.

Lá, juntaram-se a outros Santos que viajavam até Salt Lake City.



O jovem Joseph e um companheiro foram até San Bernardino, viajando uma noite inteira em uma diligência do correio.

Na manhã seguinte, pararam perto de um rancho, a fim de prepararem o lanche.



Enquanto o lanche matinal era preparado, Joseph levou os cavalos até um local onde pudessem beber água.



Uma diligência cheia de bêbados, que agitavam seus revólveres, passou, e os homens gritavam que estavam se dirigindo a San Bernardino, a fim de exterminar Mórmons.



Um dos bêbados veio em direção à carroça do correio.



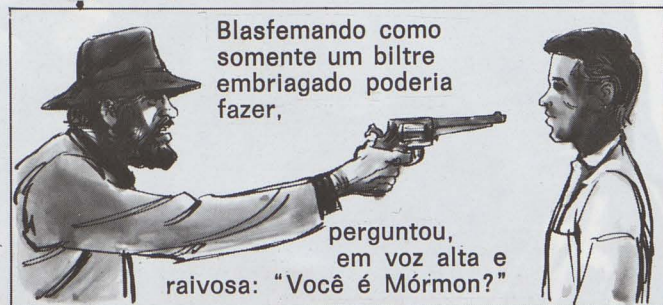
O condutor e o passageiro correram para se abrigar.

Nesse exato momento, Joseph voltava ao acampamento.



O homem amaldiçoava os Mórmons, e agitava seu revólver.

Joseph estava com medo, mas caminhou firme, na direção da fogueira do acampamento, como se nada estivesse ocorrendo de extraordinário.



Blasfemando como somente um biltre embriagado poderia fazer,

perguntou, em voz alta e raivosa: "Você é Mórmon?"



Olhando bem nos olhos do desordeiro, Joseph respondeu: "Sim, até debaixo d'água".

A resposta atrevida e sem qualquer sinal de medo, desarmou completamente aquele indivíduo belicoso.



Espantado e sem saber o que fazer, estendeu-lhe calmamente a mão e disse: "Toca aqui, meu velho. É um prazer encontrar um homem que não teme defender suas convicções."

“Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra. . . . Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.” (Êxodo 20:8-11.)

O domingo é um dia diferente de qualquer dos outros dias da semana. A reverência em nossos pensamentos e ações deve ser exteriorizada nesse dia.

É um dia de ficar limpo —
Nossos sapatos estão engraxados e brilhando.

Nossas roupas estão limpas.
Nosso cabelo está penteado.

É um dia feliz —

Nós o passamos com nossa família.
Vemos nossos amigos na Igreja.





Caixa para o Domingo

Virgínia H. Pearce e Kathleen H. Barnes



Sorrimos.

É um dia reverente —

Assistimos à Escola dominical e à Reunião Sacramental. Somos reverentes na casa de nosso Pai Celestial. Aprendemos sobre ele e Jesus Cristo.

À noite, em casa, fazemos coisas calmas e reverentes.

Em virtude de o domingo ser um dia de adoração e descanso, não fazemos nele a maioria das coisas que costumamos nos outros dias da semana. Faça sua própria lista das diferentes coisas que você poderia fazer num domingo. Aqui estão algumas atividades sugeridas:

Visitar um vizinho ou amigo.

Ler e representar (teatralizar) uma parábola ou outra história, extraída das Escrituras.

Levar um irmão ou irmã menor a passear.

Escrever e ilustrar uma carta para um missionário, ou alguém que conheça.

Ler um ou mais capítulos das Escrituras.

Contar ou escrever todas as belas coisas que você pode visualizar ou pensar a respeito daquilo que o Pai Celestial nos dá.

Pedir a seu pai, mãe, ou avós que lhes contem sobre suas vidas, quando eram crianças.

Desenhar algo sobre seu personagem bíblico favorito.

Desenhar algo a respeito de três bênçãos que tenha recebido.

Fazer uma boa ação para alguém, em segredo.

Trabalhar no registro de sua própria história, seguindo as orientações contidas na *A Liahona* de maio de 77.

Decorar as palavras de um hino ou poema favoritos.

Ler um artigo d'*A Liahona*.

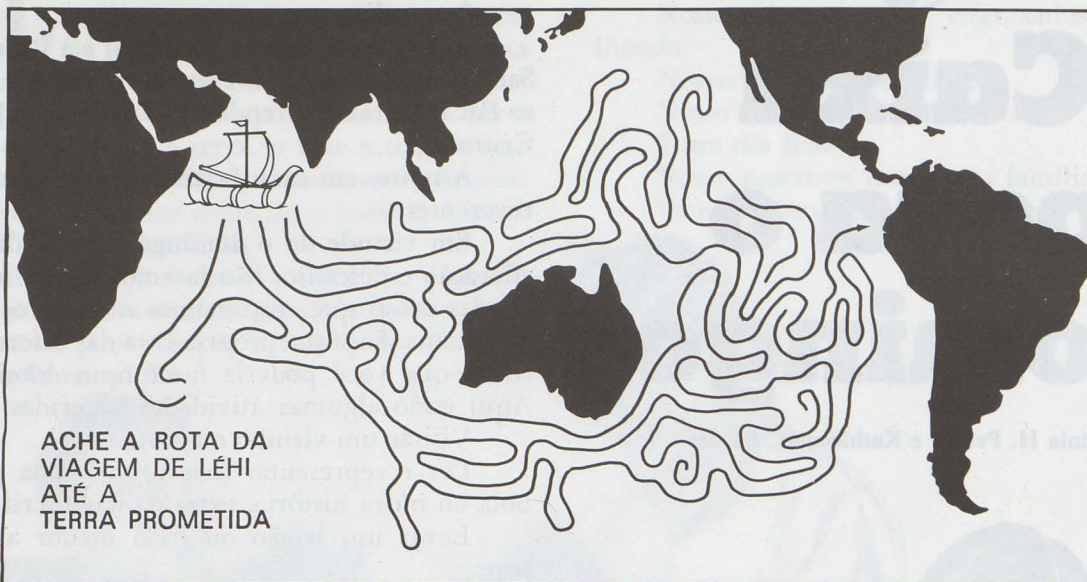
Pedir à mamãe se pode convidar um amiguinho para o almoço ou jantar.

Aprender sobre seus ancestrais, e preencher uma folha individual de genealogia.

Ler um livro.

Decorar uma caixa, jarra, ou qualquer recipiente adequado. Aí, corte sua lista, em partes separadas, tendo cada uma das atividades escrita em cada um dos pedaços. Coloque tudo na sua Caixa.

Cada domingo você vai escolher uma idéia de sua caixa, e saberá, exatamente, o que tem a fazer, a fim de passar um dia feliz e reverente.



SÓ PARA DIVERTIR

UNA OS
PONTOS





“Bata no Aço”

B. Lloyd Poelman
Ilustrado por Gary Smith

“Quero que você arranque fora todo esse cimento que está na base desses postes de aço”, disse o chefe, ao me entregar a marreta e ficar ali, observando-me iniciar o trabalho. Ansioso de impressioná-lo bem com minha boa-vontade, firmei os pés bem separados um do outro, ergui a marreta acima de minha cabeça, desferindo um forte golpe no cilindro cimentado, semelhante a um

“Com renovadas energias, marreitei o aço repetidas vezes, e, então, passei ao poste seguinte, abismado com o crescimento dos meus esforços, à medida que o aço vibrava e o cimento se partia”.

barril, contendo o primeiro poste retirado do protetor de estradas.

Seis... sete... oito golpes seguidos, bem fortes, no mesmo lugar, e a única coisa que eu podia sentir era a ruidosa reverberação que subia pelo cabo da marreta. Nem sequer uma particulazinha de cimento parecia ceder sob todo aquele barulho. Após repousar a marreta no chão, segurando-a pelo cabo, e de esfregar meu ombro direito, levantei novamente o instrumento, acima de minha cabeça, e repeti todo o esforço inicial, sem obter melhores resultados.

Senti-me um pouco embaraçado, enquanto o chefe olhava por mais um minuto. Aí, saindo em direção do local onde eram guardadas as ferramentas, disse: “Vou-lhe arranjar algo que poderá ajudar.”

Ao chegar ao trabalho naquela manhã, usando sapatões de calcanhares altos, luvas de couro de boi balançando dos bolsos traseiros de minha calça rancheira, pensei, como já havia feito nas duas manhãs passadas, em se este seria meu último dia de trabalho. Eu esperava que não. Dali a três meses, eu iria para a Missão das Línguas, e precisava de todo o dinheiro que pudesse ganhar, a fim de cobrir minhas despesas na missão, pelo menos durante os primeiros meses.

Papai disse que nenhum sacrifício da família seria grande demais pelo privilégio de me sustentar no campo missionário, e sei que era sincero ao dizer isso. Ele sabia o que queria dizer com esse sacrifício. Lembro-me de como a família havia passado margarina no pão certa vez, e depois tirado a maior parte dela, durante o tempo em que Ron, meu irmão mais velho, servia em missão. Também senti a gratidão especial de papai, quando, ocasionalmente, eu podia economizar alguns dólares de meu trabalho de tempo parcial, a fim de acrescentar ao dinheiro que era enviado a Ron.

Sim, eu sabia o que significava o sacrifício, que minha família faria de coração aberto, e portanto, sabia que deveria esforçar-me e fazer tudo o que pudesse.

Peguei firme no cabo, desta vez segurando um pouco mais baixo, a fim de conseguir maior vantagem no peso da possante cabeça de aço. Várias pancadas, e já comecei a me sentir irritado. Como poderia eu bater ainda mais forte? Por que o cimento não se partia?

“Espero que o chefe não apareça até que eu tenha conseguido algum progresso”, disse para mim mesmo, relanceando o olhar para o local onde eram guardadas as ferramentas.

Quando dissera ao chefe na segunda-feira de manhã que havia largado a escola e que queria trabalhar alguns meses para poder sair em missão, pensei que ele ficaria orgulhoso de mim. Em vez disso, falou-me: “P’ra que perder tempo à toa, desse jeito?” Desde aí, pareceu-me que ele estava inclinado a fazer comentários maliciosos a respeito da Igreja, e dizer outros impropérios que, conforme suspeitei, se destinavam a me chocar. Mas ele era o chefe e, portanto, a pessoa que me deixaria ficar ou me mandaria embora.

Eu me sentia muito melhor na semana passada até que arrumei este emprego. Estava ajudando Bert Goldfrey a erguer uma parede de tijolos para substituir uma antiga que era de madeira, que se havia incendiado. Como eu me sentia bem ajudando aquele homem de face rude, mas de coração bondoso, que já havia servido em três missões, sendo que duas foram missões de construção.

A companhia me havia empregado por dez dias, com o objetivo principal de edificar aquele muro. Mas Bert e eu trabalhamos tão bem juntos, que pudemos edificá-lo em uma semana. Ele não parecia se importar com o fato de eu

ser um pouco desajeitado e sem experiência. Ele sabia que eu estava tentando e sabia o porquê. Falava comigo a respeito de servir ao Senhor.

Bert não me havia falado que o chefe de verdade estava em férias, e foi uma surpresa, quando apareci na segunda-feira seguinte para trabalhar. Achei, entretanto, que minha estratégia iria funcionar. Muito embora eu passasse a ganhar muito mais do que ganhara anteriormente, achei que, se eu trabalhasse bem duro, ainda seria mais digno que o salário que me pagavam, e talvez o chefe achasse que não deveria mandar-me embora.

Olhei novamente para o longo protetor de estrada em L, com treze postes de aço, que se estendiam como um gigantesco pente, com falta da maioria dos dentes. Tinha, havia longo tempo, servido como protetor, evitando que os carros no estacionamento batessem contra o prédio vizinho. Para sua instalação, foi necessária a abertura de treze grandes buracos no chão, em linha reta, com espaços de três metros entre cada um. Um poste de aço havia sido cimentado em cada um dos buracos, e o protetor transversal soldado a cada um dos postes. Recentemente, todo o protetor havia sido retirado de uma só vez por duas enormes empilhadeiras, e a peça inteira jazia ao caminho, sendo que cada poste estava agora encaixado em uma espécie de barril de cimento.

Ao ouvir o ruído das botas farfalhando nos pedriscos por sobre o asfalto, que vinha do compartimento das ferramentas, desencadeei violenta saraivada de pancadas. Fiquei contente ao notar que gotas de suor se haviam formado em minha testa. “Aqui, tente isto”, disse-me o chefe, entregando-me uma marreta ainda mais pesada. Não era exatamente o tipo de ajuda que eu tinha em mente.

Sorri, enquanto lhe devolvia a marreta menor, mas posso dizer que ele deve ter percebido que o sorriso não foi plenamente honesto. Ele me observou por mais alguns minutos, e então, sem qualquer comentário, deixou-me e foi supervisionar a equipe que trabalhava no projeto de reforma na área siderúrgica.

"A única diferença entre as marretas é que esta é mais pesada e mais difícil de levantar", resmunguei comigo mesmo, enquanto o aço colidia com a superfície dura do cimento. Finalmente, uma lasquinha partiu-se. Após várias outras pancadas, meu braço começou a doer, mas o cimento continuava lá, intacto.

A esta altura, compreendi que iria levar três dias para completar o trabalho. Também entendi que, se não mostrasse um substancial progresso até a hora do almoço, estaria sem emprego à tarde, e de novo, em pé, nas filas das Agências de Emprego, procurando qualquer coisa disponível. Três dias na fila já me haviam deixado nervoso e ansioso por conservar o emprego.

Além disso, corria o ano de 1954, e milhares de trabalhadores em greve, com famílias para alimentar, estavam procurando os empregos temporários, em período integral.

Como iria um jovem de 20 anos de idade competir com essa gente para conseguir um dos poucos empregos disponíveis?

Custou-me mais algumas marretadas sem sucesso para que eu me convencesse de que havia chegado ao limite máximo, e que era a hora de tentar resolver o problema como alguém que tivesse mais força e sabedoria do que eu tinha.

Deixando de lado a marreta, e tentando apaziguar minha ira e frustração, senti a necessidade e o desejo de discutir o problema com o Senhor. Sem sequer ajoelhar-me ou fechar os olhos,

comecei a orar em voz alta, e explicar ao Senhor a tarefa em que eu estava trabalhando. Em forma de conversa sincera, lembrei-o de que não estava pedindo dinheiro para poder comprar algo para gozo egoísta, como um conversível amarelo. Em vez disso, ele me havia chamado para uma missão, e eu sabia que ele queria que eu servisse. Este emprego tinha sido uma resposta às minhas orações, mas eu precisava conservá-lo. Eu não esperava que ele enviasse uma hoste de anjos dos céus, com marretas, mas sabia que ele poderia ajudar-me.

Nunca em minha vida uma oração foi respondida de maneira tão imediata ou clara. De repente, meu cérebro encheu-se com um pensamento tão lúcido e forte, que meu coração começou a bater mais depressa. Era uma solução tão simples, como mais tarde a consideraria. Nas mentes mais brilhantes ou experientes, teria acontecido antes, mas, para mim, veio como resposta direta à minha oração.

A instrução, que me compelia, declarava: "Em vez de bater no cimento, bata no aço."

Sem entender exatamente o porquê, ergui a marreta e bati seguidamente, cinco ou seis vezes no poste, junto ao cimento. Ao ver um grande pedaço de cimento quebrar-se em lascas e cair, concluí que as batidas no aço haviam produzido uma série de fortes vibrações, as quais eram transmitidas por todo o poste de aço.

Num instante, esqueci-me do peso da marreta. Com renovadas energias, marretei o aço repetidas vezes, e, então, passei ao poste seguinte, abismado com o crescimento de meus esforços, à medida que o aço vibrava e o cimento se partia.

Em menos de duas horas, eu já havia removido o cimento dos treze postes, e empilhado as grandes lascas. Com a



marreta ao ombro e uma prece agradecida em meu coração, dirigi-me ao chefe.

"Vou precisar de ajuda para remover as peças para fora do caminho", disse, tentando conciliar o excitamento que me ia por dentro. Pensando que eu havia abandonado o projeto, ordenou-me que o seguisse até o estacionamento.

Ao virarmos a esquina do edifício, e ao ver o protetor e a pilha de pedaços de cimento, ele parou quase que repentinamente. Seus olhos faiscaram e arregalaram-se. Seu queixo caiu um pouco. Durante um minuto inteiro, ele ficou em silêncio, olhando, primeiro o protetor, e depois o cimento. Após mais um momento, ordenou-me que o seguisse, e falou: "Venha, vou-lhe dar outro trabalho."

Nada mais foi dito acerca do incidente, mas, na manhã seguinte, quando cheguei para o trabalho, ele simplesmente disse: "Lloyd, você é bem-vindo para ficar quanto tempo quiser".

Trabalhei lá quase três meses, quando então teria de ir para a casa da missão. Depois disso, deixou-me trabalhar mais dez dias, até que eu partisse com meu grupo para o campo missionário. Nunca mais, depois daquela memorável manhã, fez ele, em minha presença, quaisquer comentários desairosos a respeito da Igreja, ou de meus planos de servir em uma missão.

Muitas vezes, desde aquele dia, o Senhor tem-me ajudado a bater no aço, em vez de bater no cimento, para resolver outros problemas. Mas, ao partir para o campo missionário, naquele novembro de 1954, eu sabia que estava sendo chamado pelo Senhor. Sabia que ele escutava minhas orações. E aprendi por mim mesmo que "...o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3: 7.)



“OS ANJOS PODERÃO FAZER CITAÇÕES DELE”

Presidente Spencer W. Kimball

Ilustrado por Charles Quilter

Em que pé estaríamos, se Moisés não tivesse escrito sua história do mundo, aqueles primeiros cinco livros vitais do Velho Testamento? Ele tinha a experiência, os dados, o registro e a vocação, e, assim, abençoou-nos através das eternidades pelo serviço que prestou ao escrever os primeiros cinco livros da Bíblia.

Quão gratos somos pelo fato de Abraão haver escrito a história de sua própria vida, e o importante segmento da história do mundo, juntamente com suas próprias revelações, pensamentos, sentimentos e ricas experiências.

O Senhor Jesus Cristo, pessoalmente, salientou a grande importância de se manterem registros e assim falou aos nefitas e lamanitas:

“... Eis que eu desejaria que escrevêsseis outras escrituras **que não tendes**.

E aconteceu que disse a Néfi: Traze os anais que tens guardado.

E quando Néfi trouxe os anais, depondo-os à sua frente, ele os olhou e disse:

Em verdade vos digo que ordenei a meu servo Samuel, o lamanita, que testificasse a este povo que, no dia em que o Pai glorificasse seu nome em mim, muitos santos se levantariam dentre os mortos, apareceriam a muitos e lhes ministrariam. E perguntou-lhes: **Não sucedeu assim?**

E seus discípulos responderam-lhe, dizendo: Sim, Senhor, Samuel profetizou de acordo com tuas palavras e todas elas se cumpriram.

E Jesus prosseguiu: **Por que razão não escrevestes** que muitos santos se levantaram e apareceram a muitos e lhes ministraram?

E aconteceu que Néfi se lembrou de que isso não havia sido escrito.

E sucedeu que Jesus ordenou que fosse escrito; por conseguinte, tal coisa foi escrita, segundo sua ordem.” (3 Né. 23:6-13; *itálicos acrescentados.*)

Sinto-me feliz pelo fato de não ter sido eu o repreen-

dido, mesmo que mansa e delicadamente, por não haver cumprido a obrigação de manter meus registros atualizados.

Nos primórdios da vida americana da família de Léhi, seu filho, Néfi, escreveu:

“... havendo adquirido um grande conhecimento da bondade e dos mistérios de Deus, faço, portanto, um registro de meus atos durante minha vida.

... Sei que o meu registro é verdadeiro; e o escrevo de minha própria mão, fazendo-o conforme meu conhecimento.” (1 Néfi 1:1, 3.)

Este grandioso registro inclui não somente os acontecimentos da vida do povo, mas eventos de sua própria vida pessoal.

Então, não devemos esquecer ou menosprezar os grandes esforços de nosso profeta moderno, Joseph Smith, no intuito de escrever a história da restauração do Evangelho, e também sua própria história pessoal, detalhando suas experiências. Que confusão terrível haveria, se não estivéssemos de posse desses registros escritos, autênticos, pessoais, e cuidadosamente preparados.

E também, quão felizes ficamos, quando encontramos diários de nossos avós, e os lemos, como que acompanhando de perto suas provações, alegrias e conquistas, e vendo que muitas das experiências, fé e coragem de nossos ancestrais beneficiarão nossas próprias vidas.

Desta maneira, incitamos aos jovens que comecem hoje a escrever e a manter registros de todas as coisas importantes que acontecerem em nossas próprias vidas, e também coisas das vidas de seus ancestrais, principalmente no fato de seus pais deixarem de escrever os registros dos eventos importantes de suas próprias vidas. Seu diário particular deverá registrar a maneira como você enfrenta os desafios que se lhe antepõem. Não imaginem que a vida muda tanto assim, que suas experiências não serão interessantes para sua posteridade. Experiências de trabalho, relacionamento com as pessoas, e consciência das ações que são certas e que são erradas, serão sempre importantes. A revista “Carta Mensal”,



do Banco Real do Canadá, evidenciou esse ponto em artigo que dizia: "Um afamado colecionador de livros dividiu sua extensa biblioteca em duas partes: biografia e "o restante"..."

Não acredito que alguém seja assim tão comum, que, se sua biografia for lida, nela não se possa aprender algo das dificuldades vencidas e da luta para se alcançar tal sucesso. Elas são as unidades de medida do progresso da humanidade.

Ao lermos as histórias de grandes homens, descobrimos que eles não se tornaram famosos da noite para o dia, e nem nasceram profissionais ou artistas habilitados. A história de como chegaram a ser o que são ou que foram ser-nos-á muito útil.

Seu diário pessoal, assim como muitos outros, falará de problemas que ocorrem em todas as gerações, problemas constantes, problemas tão velhos como o mundo, e a maneira como você lidou com eles, a fim de resolvê-los.

Seu diário irá conter seu próprio íntimo, sua verdadeira imagem, em vez do retrato que é apresentado aos outros, ou da figura que de você os outros fazem, como se cosméticos fossem aplicados a tudo o que você já fez, fazendo-o parecer irrepreensível, sem faltas, como um rosto maquiado para uma apresentação pública. Há uma tentação em se pintar, com palavras, as virtudes de alguém, em cores ricas, ao mesmo tempo que se quer alvejar, como com sabão em pó, os vícios. Há porém, um abismo oposto ao se acenar apenas o negativo. Pessoalmente, não aprecio as pessoas que mergulham nas fases feias da vida que estão relatando, seja a sua própria ou de outrem. A verdade deve ser dita, mas não devemos ressaltar as coisas negativas. Mesmo uma longa vida cheia de experiências inspiradoras pode ser reduzida ao pó, através de uma única história feia. Por que batemos na mesma tecla, a respeito daquela história feia, na vida de alguém que tem sido sempre circunspecto, prudente?

O bom biógrafo não depende de paixões, mas de bom senso. Ele removerá o inútil e irrelevante, e buscará os pon-

tos fortes, as novidades, o incomum e o interessante. Talvez nos ajude a leitura de "As Vidas", de Plutarco (N.T.: Plutarco, filósofo e historiador grego, nascido provavelmente 50 A.D., e falecido entre 120 e 125 A.D. Ficou famoso por sua descoberta, em 101 A.D., de que o embrião das sementes é uma planta em miniatura.) Nesta obra, o autor agrupou quarenta e seis vidas em pares, colocando um grego e um romano em cada par. Tentou resumir as partes mais positivas de suas histórias, em vez de insistir nos pequenos detalhes.

Seu diário será sua autobiografia, e, assim sendo, deverá ser mantido cuidadosamente. Só você é você mesmo, e deve haver incidentes em suas experiências que são mais nobres e louváveis, da forma como ocorreram a você, que se ocorrerem na vida de qualquer outra pessoa.

Haverá um raio de luz aqui, uma experiência de fé ali; você deve ser verdadeiro e registrar o real de si próprio, e não o que as outras pessoas possam ver em você.

Sua história deve ser escrita agora, enquanto é recente e todos os detalhes reais estão na memória, disponíveis.

Um diário é uma literatura que denota superioridade de um povo. Cada um tornar-se-á superior em sua vida humilde.

O que poderá ser melhor para seus filhos e para seus netos, que registrar a história de sua vida, seus triunfos sobre a adversidade, sua recuperação após uma queda, seu progresso quando tudo parecia negro, seu regozijo quando, finalmente, conquistou algo?

Algumas coisas que escrever poderão ser eventos sem grande significado, mas haverá ricas passagens, as quais serão citadas por sua posteridade.

Arranjem um caderno, meus jovens, um diário que dure toda vida, e os anos poderão fazer citações dele, na eternidade. Comecem hoje, e escrevam suas idas e vindas, seus pensamentos mais profundos, suas conquistas e seus fracassos, suas associações e seus triunfos, suas impressões e seus testemunhos. Lembrem-se de que o Salvador chamou a atenção daqueles que deixaram de registrar eventos importantes.

O Senhor disse: "Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu Evangelho; e sabeis o que deveis fazer em minha igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis, *porque fareis aquilo que me vistes fazer*;" (3 Néfi 27:21, *itálicos acrescentados*.)

Cristo estabeleceu o padrão para nós. Faremos bem em seguir esse padrão. Muito embora sejamos fracos, se nos compararmos a ele, deveremos imitar seu exemplo, pois que ele é "o caminho, a verdade e a vida." (João 14:6.)

Os professores poderão beneficiar-se ao seguirem o exemplo dado por Jesus Cristo em seus ensinamentos, por sua maneira de ensinar. E nós ensinamos sua mensagem. Não devemos, portanto, tomar sobre nós glória alguma, ou tentar arranjar nossos próprios adeptos. Nossa missão é desenvolver a nós e a outros como seguidores de Cristo. João Batista ensinou claramente esse princípio, quando disse, de si próprio, em comparação ao Salvador:

"É necessário que ele cresça e que eu diminua." (João 3: 30.)

Um professor poderá chamar a atenção sobre si mesmo, de modo intenso, ao dar uma mensagem inicial; mas a essência da mensagem e o exemplo do professor devem dirigir a atenção do aluno para Cristo. João Batista apenas preparou o caminho para o ministério do Salvador, chamando seus ouvintes ao arrependimento. Inerente à sua mensagem que chamava ao arrependimento, estava a mensagem de que cada indivíduo deve buscar ao Salvador, que o levará pelo caminho da verdade e da salvação. Da mesma forma, os professores têm a responsabilidade de ajudar a preparar o caminho, para que os alunos se acheguem ao Senhor, e desenvolvam um relacionamento pessoal e significativo com ele.

"Fazei brilhar vossa luz".

Nossa obrigação é iluminar o caminho.

Jesus disse: "...a vós é dado serdes a luz deste povo. . . . Assim, pois, fazei brilhar vossa luz diante desse povo, para que ele veja vossas boas obras e glorifique a vosso Pai que está no céu." (3 Néfi 12: 14, 16.)

Quando nossas obras são suas obras, e quando iluminadas por sua luz, nossos alunos são guiados até ele e nosso Pai.

"Portanto, levantai vossa luz para que brilhe perante o mundo. Eis que eu sou a luz que levantareis: aquilo que me vistes fazer." (3 Néfi 18: 24.)

Se nossa função é ensinar aos outros de modo eficiente, a luz que deverá guiá-los precisará brilhar primeiramente em nós. Devemos ser modelos de obediência. Isso é uma parte essencial da preparação daqueles chamados a ensinar. (Veja o gráfico "Relacionamentos de ensino/aprendizado", publicado no primeiro artigo desta série, na A Liahona de abril, 77, pág. 28.)

Cristo é um exemplo bem digno de ser seguido por nós. Ele nada nos pede que não esteja desejoso de também fazer.

Claramente ensinou:

"...o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente." (João 5: 19.)

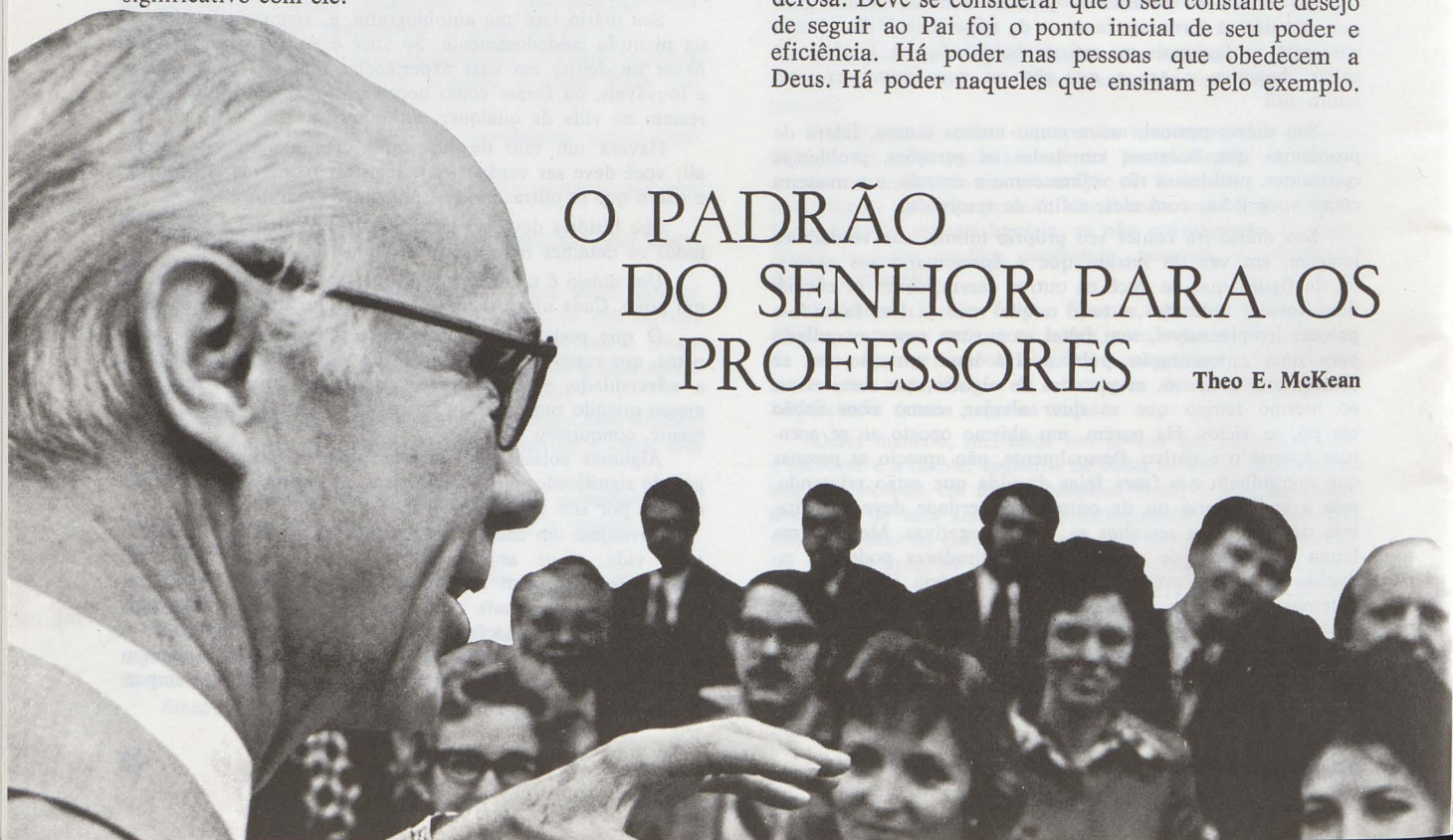
E novamente: "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou." (João 5: 30.)

A obediência produz poder.

A técnica de abordagem no ensino usada pelo Salvador foi tão simples, e ao mesmo tempo tão poderosa. Deve-se considerar que o seu constante desejo de seguir ao Pai foi o ponto inicial de seu poder e eficiência. Há poder nas pessoas que obedecem a Deus. Há poder naqueles que ensinam pelo exemplo.

O PADRÃO DO SENHOR PARA OS PROFESSORES

Theo E. McKean



O élder Delbert L. Stapley disse que "exemplo é maior que o preceito." (Improvement Era, junho de 1969, p. 70. Veja o artigo anexo para o texto integral).

Os professores que são obedientes às grandiosas verdades do evangelho que ensinam, têm poder, através do Espírito, poder esse acrescentado às palavras que falam.

"...sim, pelo poder de suas palavras, muitos foram levados perante o altar de Deus, para invocar seu nome e confessar seus pecados perante ele." (Alma 17: 4.)

Qualquer pessoa, se assim o desejar, pode explicar o evangelho em palavras; mas palavras com poder para converter existem apenas nas bocas dos professores obedientes.

Paulo assim admoestou Timóteo: "... sê (tu) o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza." (1 Timóteo 4: 12.)

Esta é a maneira do Senhor, e, como professores, precisamos ter fé na sua eficácia. O exemplo, com o poder espiritual que o acompanha, deve-se tornar um dos nossos principais métodos de ensino.

Aos élderes que estariam ensinando na igreja, Pedro deu o seguinte conselho:

"Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto;

Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.

E quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória." (1 Pedro 5: 2-4.)

Auto-avaliação.

A maneira ideal para um professor determinar a qualidade de seu próprio exemplo é fazer uma auto-avaliação, uma auto-análise.

Alma, o Filho, que abandonou o trono judicatório para que pudesse devotar-se inteiramente ao ensino da palavra de Deus, tinha uma forma muito interessante para manter os membros da Igreja em nível alto de preparação espiritual. O capítulo cinco do Livro de Alma contém nada menos que quarenta e duas bem formuladas perguntas destinadas a orientar os membros da igreja através de um processo de auto-análise. Cada professor do evangelho deveria, de modo cuidadoso, ler esse capítulo inteiro.

Em conformidade com a declaração do Salvador de que era a Luz que cada um de nós devemos levar para que outros vejam, Alma fez perguntas tais como as seguintes:

"E agora vos pergunto, meus irmãos da igreja: Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vossos semblantes? Haveis experimentado essa poderosa mudança em vossos corações?...

Pergunto-vos: Podereis naquele dia olhar para Deus com um coração puro e mãos limpas? Podereis levantar vossos olhos, tendo a imagem de Deus gravada em vossos semblantes?" (Alma 5:14, 19.)

E então, para tornar clara a possibilidade que temos de dia após dia responder **sim**, a todas essas perguntas, Alma continua:

"E agora, meus irmãos, se haveis experimentado uma mudança em vossos corações, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eis que, quisera perguntar-vos: Podeis agora sentir isso?

Tendes andado conservando-vos inocentes diante de Deus? Poderíeis dizer dentro de vós mesmos, se fôsseis chamados pela morte neste momento, que vos haveis humilhado suficientemente? Que vossas vestimentas foram limpas e embranquecidas pelo sangue de Cristo, que virá para redimir seu povo de seu pecado?

Eis que estais despidos de orgulho?...

Eis que há alguém entre vós não despidos de inveja?...

Há alguém entre vós que zombe de seu irmão, ou que acumule perseguições sobre ele?

Ai dele, pois que não está preparado..." (Alma 5:26-31.)

E, finalmente, para deixar claro que entendemos nossas responsabilidades, não só para conosco mesmos, mas para com outros, Alma conclui:

"Pois qual é o pastor entre vós que, tendo muitas ovelhas, não zela por elas, para que os lobos não se aproximem e devorem seu rebanho? E, se um lobo entra no meio de seu rebanho, não o põe para fora? E se lhe for possível o destruirá.

E agora vos digo que o Bom Pastor vos chama; e, se o ouvirdes, ele vos levará ao seu redil e sereis suas ovelhas; e ele vos ordena que não permitais a nenhum lobo voraz entrar no meio de vós, para que não sejais destruídos.

E agora eu, Alma, vos ordeno, na linguagem daquele que me ordenou, que observeis as palavras que vos falei." (Alma 5:59-61.)

Os ensinamentos de Alma seguiam o padrão e modelo tão claramente estabelecidos por seu pai, que dissera:

"E também não admitais que ninguém seja vosso mestre ou ministro, a não ser que seja um homem de Deus, que ande em seu caminho e guarde seus mandamentos." (Mosiah 23:14.)

Estar preparado

Quão bem estamos preparados para ensinar? Estamos aprendendo mais a respeito do Evangelho a cada dia? Estudamos as Escrituras, ponderamos, meditamos profundamente, oramos, escutamos e aprendemos através do poder do Espírito? Vivemos pelo que aprendemos? Quando outros vêm nossa luz, vêm a Cristo? Nossas palavras e ações dão azo a que outros glorifiquem e se voltem a nosso Pai nos céus?

Se em alguma área, nós, como indivíduos, não estivermos preparados, que possamos nos esforçar e fazer quaisquer mudanças que sejam necessárias. Lembrando-nos sempre da pergunta básica, e de sua resposta:

"Portanto, que classe de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27.)

O Poder do Exemplo



Elder Delbert L. Stapley
do Conselho dos Doze

Meus caros irmãos, irmãs e amigos: Estou íntima e plenamente convicto de que é preciso dar mais atenção em combinar os princípios, padrões e ideais do Evangelho com exemplos cristãos em nossa vida pessoal, se desejarmos que a verdade e a justiça prevaleçam.

O mundo necessita de mais homens e mulheres de bom caráter moral e espiritual que se mantenham inabaláveis, constantes e impassíveis no cumprimento dos mandamentos de Deus e sejam exemplos vivos da verdade e da retidão.

O poder do exemplo manifesta sua força, quando homens e mulheres vivem o Evangelho. Nessas pessoas, a luz do glorioso Evangelho de Jesus Cristo se irradia de seus semblantes, como um fanal luminoso que dirige os outros aos caminhos da virtude...

Certo homem sábio, quando lhe pediram que alistasse os três pontos cardeais que exemplificaram a vida dos grandes mestres de todos os tempos e que poderiam servir de orientação aos novos professores, disse: "Primeiro, ensinar pelo exemplo. Segundo, ensinar pelo exemplo. Terceiro, ensinar pelo exemplo."

Nosso Salvador, Jesus Cristo, é o maior exemplo que o mundo jamais conheceu, e seus ensinamentos resistem ao passar dos séculos, porque os preceitos que ensinou foram acentuados pelo exemplo da sua própria vida.

Para ser um exemplo do ponto de vista religioso, alguém ou certo grupo tem que servir como modelo e estabelecer um padrão de conduta e comportamento moral em sua vida, que possa ser imitado e seguido sem reservas pelos demais, resultando em benefícios e bênçãos para eles.

"O que és", disse Emerson, poeta americano, "ressoar tão alto em meus ouvidos, que não consigo escutar o que dizes."

"...Eis que eu sou a luz; eu vos dei o exemplo", disse Jesus. (3 Néfi 18: 16.)

Esta declaração desafiadora do nosso Redentor pode ser aceita com toda segurança e certeza.

O Apóstolo Pedro acentua esta verdade ao declarar "Porque, para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas.

O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano.

O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente." (1 Pedro 2: 21-23.)...

Aos membros da Igreja de hoje, podem-se aplicar palavras do nosso Salvador: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus." (Mateus 5: 16.)

Esta passagem das Escrituras acentua a importância e o valor do bom exemplo...

Aprendemos nos escritos de Néfi que Cristo "se humilha ante o Pai, testificando-lhe obediência na observância de seus mandamentos.

"E... mostra aos filhos dos homens quão reto é o caminho e quão apertado é o portão pelo qual deverão entrar, tendo ele lhes dado o exemplo.

E disse aos filhos dos homens: Segui-me. Portanto, meus queridos irmãos, poderemos nós seguir a Jesus, a menos que queiramos guardar os mandamentos do Pai?", perguntou Néfi.

E desafiando toda humanidade, disse Cristo:

"...segui-me, pois, e fazei as coisas que me vistes fazer." (2 Néfi 31: 7, 9-10, 12.)

Esta admoestação foi confirmada a Néfi pela voz de Deus, que disse:

"Sim, as palavras do meu Amado são verdadeiras e fiéis. Quem perseverar até o fim, esse será salvo."

"E agora, meus queridos irmãos", disse Néfi, "sei por isso que, a menos que o homem persevere até o fim, seguindo o exemplo do Filho do Deu vivente, não poderá ser salvo." (2 Néfi 31: 15-16.)

Esses ensinamentos constituem um chamado a todos os homens a viverem retamente. É o único caminho que nos leva de volta à presença de Deus.

Coriânton, filho de um profeta nefita, durante seu serviço missionário, insensatamente e para grande desgosto de seu pai, seguiu a meretriz Isabel. Alma, desapontado pela conduta do filho, reprovou-o e disse:

"...pois, ao observarem eles o teu procedimento, não acreditaram nas minhas palavras." (Alma 39:11.)

Na verdade, o exemplo é mais forte do que o preceito...

O Presidente McKay declarou: "É tão inútil procurar ensinar honestidade enquanto se é desonesto diante de uma criança, como tentar aquecer água numa peneira." (*Pathways to Happiness*, p. 307.)

Como é importante que os pais levem uma vida limpa e obedeçam às leis e mandamentos de Deus. Assim fazendo, poderão utilizar o exemplo de suas próprias vidas para ensinarem seus filhos. Do contrário, surgem inibições pessoais que impedem que discutam as questões e problemas íntimos e delicados da vida que afetam profundamente seus filhos...

Permitam-me mencionar o conselho do Presidente Brigham Young sobre ensinar os filhos pelo exemplo. Disse ele:

"...se os pais sempre derem aos filhos exemplos dignos de serem imitados e aprovados pelo nosso Pai nos céus, poderão mudar a tendência e o rumo dos sentimentos de seus filhos, e estes, eventualmente, preferirão a retidão ao mal." (J.D. 14: 195.)

"...nunca deveríamos nos permitir fazer aquilo que não desejamos que nossos filhos façam. Devemos dar-lhes exemplos que esperamos que imitem... Quantas vezes vemos pais exigindo obediência, bons modos, palavras amáveis, aparência agradável, uma voz doce e um olhar alegre de um filho ou filhos, quando eles próprios estão cheios de amargura, sempre rabugentos! Que atitude mais inconsistente e irracional." (J.D. 14: 192.)

"...os pais devem governar seus filhos antes pela fé do que pela vara, guiando-os bondosamente pelo bom exemplo para toda a verdade e santidade." (J.D. 12: 174.)

"Se vivermos nossa religião, nossos filhos terão amor à verdade. Os pais devem tomar um rumo tal que seus filhos possam dizer: 'Nunca vi meu pai enganar ou se aproveitar de um seu semelhante; nunca vi meu pai apoderar-se do que não lhe pertencia... mas dizia... seja honesto, fiel, virtuoso, bondoso, industrioso, prudente e cheio de boas obras'. Tais ensinamentos dados pelos pais, habitarão nos filhos para todo o sempre." (J.D. 14: 195.)

Falando de exemplos das Escrituras, o apóstolo Paulo, dirigindo-se aos santos de Corinto, advertiu-os:

"E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram.

E não nos prostituamos, como alguns deles fizeram...

"E não tentemos a Cristo, como alguns deles também já tentaram, e pereceram pelas serpentes.

E não murmureis, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo destruidor.

"Ora tudo isto lhes sobreveio como figura, e estão escritas para aviso nosso..."

Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia." (I Cor. 10: 6, 8-12.)

Aqueles que estão encarregados de ensinar ou liderar no reino de Deus, não devem esquecer-se de que Cristo é o grande exemplo para eles, do que tem todo o direito. Portanto, todos os líderes e professores

chamados a trabalhar na vinha dele assumem uma grande responsabilidade, quando esperam que outros vivam de acordo com os princípios, padrões e ideais, a fim de usufruir os privilégios e bênçãos do Evangelho, embora eles próprios deixem de preencher tais requisitos em suas vidas.

Nós, líderes, temos que ser aquilo que pedimos ou exigimos dos outros; do contrário, essa hipocrisia será a condenação.

Antes do batismo, exige-se do candidato que se arrependa de todos os seus pecados. Logo, não será lógico que os portadores do Sacerdócio que oficiam essa ordenança também estejam isentos de qualquer transgressão pessoal? Isto se aplica também às demais ordenanças do Evangelho.

É falsidade e desonra a tentativa de esconder uma conduta pessoal imprópria, não servindo aberta e exemplarmente de acordo com o espírito de seu santo chamado...

Nossa posição e responsabilidade são iguais agora às que Mórmon expressou a seu filho Morôni séculos atrás:

"Mas, apesar de vermos essa dureza de coração, meu querido filho," disse Mórmon, "trabalhemos diligentemente; porque, se deixarmos de labutar, atrairemos sobre nós a condenação. Pois temos uma missão que devemos executar, enquanto habitar-mos este tabernáculo de barro, a fim de vencermos o inimigo de toda a justiça, para que nossas almas possam encontrar descanso no reino de Deus." (Morôni 9:6.)

O nosso esforço em exercermos o poder do bom exemplo, por vivermos os princípios do Evangelho, mantendo padrões adequados e procurando nos apegar aos ideais honestos, embora nem sempre seja fácil, nos trará recompensas nesta vida e nos mundos eternos por vir.

Disse alguém: "Não é problema manter seus princípios num nível elevado, mas às vezes torna-se difícil permanecer lá em cima com eles."

"Para nós que possuímos a lei do certo e do errado dada por Cristo, nada há para o que não tenhamos um padrão..." (Leon Tolstói, *Guerra e Paz*.)

Honestidade, integridade, retidão, moralidade, observância da Palavra de Sabedoria e todas as demais revelações concernentes à conduta ideal, devem ser exemplificadas em nossas próprias vidas, e então nos tornaremos exemplos adequados a serem seguidos.

Será que nosso padrão de vida incorpora estas qualidades básicas que nos permitam dizer com convicção aos nossos entes queridos e amigos, e àqueles a quem servimos: "Sigam-me e façam as coisas que me virem fazer"? (Vide 3 Néfi 27:27.)

Esta é a nossa obrigação, nosso dever e desafio.

Que Deus nos abençoe, irmãos e irmãs, para que possamos ter a força e a coragem de, sob quaisquer condições, viver uma vida exemplar e andar retamente diante do Senhor, dando um bom exemplo a toda a humanidade, particularmente aos nossos próprios filhos e familiares, para que o sigam, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém. (*Improvement Era*, junho de 1969, p.p. 69-72; *A Liahona*, outubro de 1969.)



Presidente Kimball
presidiu as Conferências de Área
na América Latina

Amor, Respeito e Emoção Encerram a Série de Conferências de Área

por Dell Van Orden
editor do Church News

Um grande entusiasmo caracterizou a primeira série de conferências de área na parte oeste da América do Sul, deixando os corações tocados, o que terá um efeito para o bem na vida daqueles santos, nos anos vindouros.

Nas quatro cidades sul-americanas nas quais o Presidente Spencer W. Kimball esteve durante a segunda quinzena de fevereiro e a primeira parte de março, foi saudado por milhares de membros que dificilmente continham a emoção.

O magnetismo pessoal do Presidente Kimball fez-se sentir em todos os lugares a que compareceu. Os muitos membros que tiveram oportunidade de conhecer o profeta pessoalmente e apertar sua mão, — ou simplesmente estar em sua presença — saíram com os olhos cheios de lágrimas, expressões radiantes e a vida dramaticamente transformada.

Foram momentos de fortalecimento espiritual para um povo que já começa a provar dos doces frutos do Evangelho.

O Presidente Kimball e as outras Autoridades Gerais que o acompanhavam participaram de um total de oito conferências de área, viajando cerca de 21.000 quilômetros pela América Latina no decurso de um mês.

A primeira conferência realizou-se na Cidade do México nos dias 12 e 13 de fevereiro, seguida por conferências em Monterrey, México; Guatemala, na Guatemala; San José, na Costa Rica; La Paz, na Bolívia; Lima, no Peru; Santiago, no Chile, terminando em Bogotá, na Colômbia, de 4 a 6 de março.

Esta última conferência destinou-se aos membros residentes na Colômbia, Equador e Venezuela.

Após a série de conferências, o Presidente Kimball viajou para São Paulo, a fim de officiar a cerimônia do lançamento da pedra angular do novo templo, que deverá estar terminado em 1978. Quando tiver regressado a Utah, o Presidente Kimball terá viajado então, cerca de 35.200 quilômetros.

Após a viagem de avião da América Central à América do Sul, o Presidente Kimball, Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro na Primeira Presidência; Elder L. Tom Perry, do Conselho dos Doze, e o Elder Robert D. Hales, do Primeiro Quorum dos Setenta, os quais haviam participado das primeiras quatro conferências, receberam a companhia de mais duas outras Autoridades Gerais.

Eram os Élderes Bruce R. McConkie, do Conselho dos Do-

ze, que é o Consultor para a América Latina, e Albert Theodore Tuttle, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, e supervisor da Área Andina.

O Presidente William R. Bradford, do Primeiro Quorum dos Setenta, e que atualmente preside a Missão Chile Santiago, bem como o Elder Robert E. Wells, também do Primeiro Quorum dos Setenta, e supervisor de área para o Chile e Argentina, também compareceram e falaram aos membros em algumas das sessões.

O Elder J. Thomas Fyans, também da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta e supervisor de área para o México e América Central, desligou-se do grupo na cidade do Panamá, onde tiveram uma parada de doze horas.

O Presidente Kimball estabeleceu o padrão e a motivação das conferências de Área para a América do Sul, quando disse em entrevista coletiva em Lima, no dia 25 de fevereiro:

“Cremos que estamos em posição de plantar a semente que, eventualmente, transformará o mundo de ruim em bom”.

Após explicar os princípios de pureza moral e virtude aos repórteres dos jornais e da televisão, disse o Presidente Kimball: “Se essa doutrina fosse seguida em to-

do o mundo, teríamos hoje um mundo diferente”.

Mais tarde, num jantar destinado aos líderes do Sacerdócio da estaca e da missão do Peru, e suas esposas, o Presidente Kimball afirmou: “Não se trata apenas de converter pessoas ao Evangelho, mas também de dar-lhes o treinamento e experiência necessários para levarem avante a obra da Igreja. É nessa fase que os membros conseguem seu desenvolvimento e crescimento pessoal. Temos grandes esperanças para esta área, e desejamos que vocês cresçam e prosperem.”

Um grande crescimento tem ocorrido nas áreas dos países visitados pelas Autoridades Gerais. Há pouco menos de vinte anos, havia apenas um pequeno ramo em Lima, e apenas quatrocentos e cinquenta membros da Igreja no Chile. Em 1968, havia apenas 350 membros na Bolívia, e uns poucos espalhados na Colômbia, Equador e Venezuela.

Hoje, há aproximadamente vinte mil membros no Peru, 30.000 no Chile, 11.000 na Bolívia, 10.000 na Colômbia, 8.000 no Equador e 4.000 na Venezuela.

Um dos pontos altos e eletrizantes da conferência em Lima foi um coro de aproximadamente 350 vozes. A música foi excelente e majestosa em todas as sessões, mas foi particularmente tocante ao final da conferência, quando o coro cantou o “Aleluiah”, do Messias, de Haendel.

Todos os hinos foram cantados em espanhol, mas este último, cantado em inglês, foi tão poderosamente executado, e tão disciplinadamente, que não ficou devendo nada aos grandes coros profissionais.

Enquanto a música enchia o recinto enorme, e a congregação estava sentada em reverente êxtase, as lágrimas corriam livremente pelas faces. Podia-se facilmente imaginar o Coro do Tabernáculo cantando.

O cântico foi um prelúdio do entusiástico adeus dado aos visitantes pelos quase 8.000 membros que compareceram à sessão. Após

a oração de encerramento, o Presidente Kimball e as outras Autoridades Gerais desceram do palco para cumprimentar a congregação. Milhares de membros acotovelavam-se para conseguir apertar a mão do Profeta e dos demais, que vagarosamente atravassavam a frente do auditório.

A realização da Conferência no Gran Teatro Auditório Amauto, em Lima, foi um indicativo dos muitos “milagres” que ocorrem quando se organiza uma solenidade dessa ordem.

Apenas uma semana antes do início da conferência, as autoridades locais da Igreja não tinham ainda conseguido autorização do governo para fazerem uma concentração pública. Desde o último mês de junho, o Peru tem estado parcialmente sob o regime da Lei Marcial, em virtude do caos decorrente da suspensão do subsídio à gasolina, e é necessário obter autorização para que qualquer grupo possa se reunir em público.

Essa autorização deve ser dada pelo quartel-general do exército, e um requerimento havia sido feito, porém, sem resultados. Na última semana antes da conferência, o comandante do exército telefonou a Mario Perotti, presidente da Estaca Lima Limatambo Peru, dizendo-lhe ter em mãos um pedido de autorização com o qual não sabia o que fazer e pedindo ao Presidente Perotti que comparecesse ao seu escritório para esclarecê-lo.

O fato de o próprio comandante fazer a chamada telefônica foi muito incomum, uma vez que ele nunca se envolve com esses casos; além disso, ele teve que fazer três ou quatro telefonemas, na tentativa de encontrar o Presidente Perotti, fato que também é bastante singular.

O Presidente Perotti foi ao quartel, e a primeira pessoa que encontrou foi um velho conhecido do exército, que era o responsável pela emissão das autorizações. O amigo disse-lhe que voltasse na quinta-feira, a véspera do dia em que a conferência deveria iniciar-se.

Enquanto saía, o Presidente Perotti sentiu-se impellido a voltar.

“Não posso esperar até quinta-feira. Preciso dessa autorização agora”, disse ele. Seu amigo fez algo raro, então. Emitiu uma autorização, assinando-a em branco, e disse ao Presidente Perotti que a preenchesse como quisesse.

A guia de trânsito, permitindo a entrada e saída legal do país de equipamentos de som avaliados em 30.000 dólares só foi conseguida na quinta-feira à tarde, meia hora antes de a alfândega fechar o expediente, e foi emitida sem qualquer avaliação do equipamento.

Conseguir o ginásio para a conferência, foi uma verdadeira conquista. Embora um contrato houvesse sido assinado, permitindo que a Igreja usasse o recinto, uma federação esportiva, de muita influência, solicitava as mesmas datas para um torneio de voleibol. Os diretores do ginásio estavam a ponto de cancelar o contrato com a Igreja em favor do pessoal dos esportes, mas à última hora, as datas do torneio foram alteradas.

De Lima, o Presidente Kimball e seu grupo viajaram 2.560 quilômetros para o sul, até Santiago. Ao chegarem ao aeroporto, no dia 28 de fevereiro, foram saudados por três ônibus lotados de membros, que cantaram e dançaram para eles.

O Presidente Kimball e os demais voaram mais 96 quilômetros de helicóptero, para chegarem ao palácio nacional de verão, para uma visita ao presidente chileno, Augusto Pinochet Ugarte. Acompanhavam o Presidente Kimball: o Presidente Romney, Elder Bradford, David M. Kennedy, que é representante especial da Primeira Presidência, D. Arthur Haycock, secretário particular do Presidente, e o Dr. Ernest L. Wilkinson, médico particular do presidente.

O grupo permaneceu na residência oficial do Governo chileno cerca de 15 minutos, onde foram debatidos vários aspectos da Igreja e seus programas. O Presidente Pinochet foi obsequiado com um volume encadernado de todas as obras padrão em espanhol, e o livro: “The Mormon Way.”

Um detalhe interessante da conferência de Santiago foi que quase

todos os 6.818 membros que compareceram ao Teatro Caupolican portavam nas lapelas fitas que traziam o retrato do Presidente Kimball e a frase em espanhol, dizendo: "Eu o farei."

O "slogan" era um resposta ao pequenino lembrete que o Presidente Kimball ostenta em seu escritório em Salt Lake City, que diz apenas: "Faça-o".

Toda a conferência de Santiago primou pela calma reverência. Após as sessões finais — a de mães e filhas e a reunião do Sacerdócio — os membros chilenos reverentemente acenavam com lenços brancos, como símbolo de seu adeus às Autoridades Gerais e suas esposas. Quando os visitantes deixavam o recinto, não houve o tradicional corre-corre para apertar a mão das autoridades, nenhum acotovelamento para cumprimentá-las — apenas um sentimento especial de reverência.

A entrevista coletiva em Santiago foi a mais movimentada de toda a viagem e a que reuniu maior número de repórteres. Foi realizada no dia seguinte à visita do Presidente Kimball ao general Pinochet, e as reportagens já haviam sido apresentadas pelos jornais e e abordou uma variedade de 2 mm pela televisão. Durou meia hora e abordou uma variedade de assuntos. Os repórteres fizeram muitas perguntas.

De Santiago, que fica quase ao nível do mar, o grupo voou para La Paz, Bolívia, cerca de 2.000 quilômetros ao norte, e situada sobre os Andes. O aeroporto está situado a cerca de 4.500 metros de altura, e é o mais alto do mundo.

A cidade em si, localiza-se a aproximadamente 400 metros abaixo do nível do aeroporto, e chega-se a ela por meio de uma estrada na montanha. A rápida mudança de altitude de Santiago, e o ar rarefeito de La Paz, causaram alguns problemas respiratórios ao grupo. Não houve nada grave, todavia, uma vez que tanques de oxigênio eram levados aos lugares em que o grupo ia.

O programa cultural em La Paz foi notável. Começou com uma representação da opressão sofrida

pelos bolivianos por parte dos espanhóis, época em que trabalhavam nas minas sem qualquer remuneração. A cena inicial descrevia suas orações — a ânsia de um milagre no futuro. O milagre retratado, o qual trouxe novas esperanças ao povo foi a chegada do Livro de Mórmon às suas mãos.

Entre os 4.373 membros que compareceram às sessões da conferência no Coliseo Cerrado, havia cerca de 500 índios Aymará, vestidos com seus chapéus e "ponchos" tradicionais. Em virtude de não falarem espanhol, foi providenciada uma tradução especial em sua própria língua.

Após a sessão de encerramento, o Presidente Kimball e as outras Autoridades Gerais ficaram na parte inferior do palanque, a fim de cumprimentar os membros, à medida que passavam. Os velhos, os jovens, os coxos, os aleijados, os cegos, os sadios — todos chegaram-se para cumprimentar e apertar as mãos dos visitantes. Era uma visão comovente. Muitos deixavam o palanque com sorrisos exuberantes enquanto outros choravam.

Durante sua estada em La Paz, o Presidente Kimball também visitou o presidente da Bolívia. Juntamente com o presidente Romney, o irmão Kennedy, o irmão Haycock, o Dr. Wilkinson, e J. Earl Jones esteve em visita ao presidente Hugo Banzer Suarez, no palácio Nacional. O presidente Banzer foi presenteado com uma cópia do Livro de Mórmon, e uma do livro "The Mormon Way".

O Presidente Kimball convidou o presidente ou um de seus representantes para que comparecessem ao programa cultural daquela noite. Um coronel da guarda pessoal do presidente compareceu e, posteriormente, solicitou mais informações a respeito da doutrina da Igreja.

O irmão Kennedy descreveu o coronel, dizendo que estava "estardado", e que procurou saber mais sobre a Igreja.

De La Paz, as Autoridades Gerais voaram, atravessando a linha do equador rumo ao norte, chegando no dia 4 de março à Colômbia,

onde uma conferência abrangendo os três países já citados foi realizada no Coliseo Salitre, em Bogotá, encerrando-se no dia 6.

Entre a congregação de 4.600 membros que compareceram às sessões em Bogotá, havia cerca de 75 índios Otavalos, que viajaram cerca de 56 horas contínuas de ônibus desde a cidade de Otavalo, no Equador. Quarenta membros do grupo formaram um coro especial e cantaram na sessão de encerramento da conferência. O coro, composto de elementos de todas as idades cantou: "Sou um Filho de Deus".

Embora bem poucos pudessem entender as palavras, a música conhecida transmitiu a mensagem especial à congregação e às Autoridades Gerais constituindo-se em experiência muito espiritual.

"Creio que Jesus Cristo teria ficado feliz se tivesse estado aqui. De fato, quero acreditar que Ele esteve presente", afirmou o Presidente Kimball.

Cerca de 200 membros vieram da Venezuela, e 250 do Equador. O restante pertence às duas missões na Colômbia e uma Estaca em Bogotá. Alguns dos membros venezuelanos viajaram cerca de 2.500 quilômetros para chegarem à conferência, e alguns dos equatorianos viajaram três dias e três noites seguidos.

Após a sessão de encerramento o Dr. Wilkinson anunciou: "Em condições normais, o Presidente Kimball cumprimentaria todos vocês pessoalmente, mas devido à longa e extenuante viagem, tive de, como médico desaconselhá-lo a fazer isso. Foi com relutância que ele aceitou meu conselho.

Por favor, queiram respeitar essa decisão e mostrem-lhe seu amor evitando a aglomeração. Fiquem em seus lugares e acenem com seus lenços em reconhecimento."

E foi o que fizeram as 3.153 pessoas presentes à sessão de encerramento. Respeitaram a solicitação. Acenaram com seus lenços enquanto cantavam, em espanhol: "Deus vos guarde". Havia muito poucos olhos enxutos no recinto.

E foi uma forma dignificante de se encerrar a conferência.

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE JOSÉ BENJAMIN PUERTA

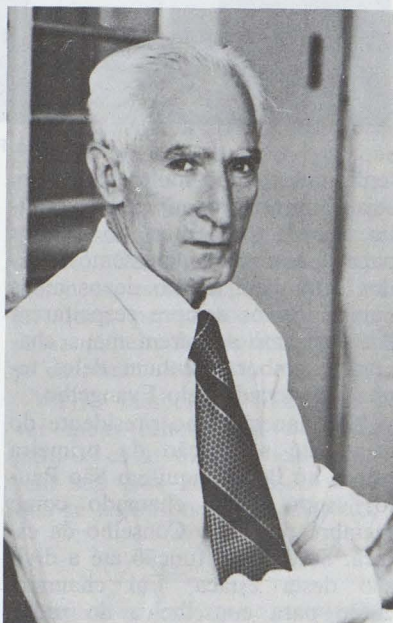
Estaca São Paulo Oeste Brasil

por Maria Antonia Brown

Presidente José Benjamin Puerta é um líder conhecido por muitos, através do seu trabalho na A Liahona, entrevistando nossas autoridades, fazendo reportagem de conferências e divulgando os últimos acontecimentos ocorridos nos ramos, alas e estacas. Ele é o coordenador de línguas do Centro Editorial Brasileiro e presidente da estaca São Paulo Oeste. Gosta de falar e escrever sobre os grandes líderes, mas não gosta de falar sobre si mesmo. Por isso é o último da lista dos líderes mais antigos nesta função a ser entrevistado.

O dia desse presidente começa muito cedo; às sete horas da manhã, ele já está em seu escritório. Ali desenvolve intensa atividade, ligada à sua função de coordenador e editor responsável pela A Liahona aqui no Brasil; trata muitas vezes das funções de membro do comitê executivo de abertura, visitação e dedicação do templo de São Paulo e ainda atende membros e assuntos relacionados à sua estaca. Após o expediente de trabalho começam realmente suas funções de líder eclesiástico.

Como os demais presidentes de estaca anteriormente entrevistados, ele também não tem vida particular; todas as horas do seu dia, são empregadas no trabalho do Senhor mas, apesar de todas as atribuições, presidente Puerta ainda encontra tempo para dedicar-se à família que sempre foi para ele um laço muito sagrado, mesmo antes de conhecer o Evangelho verdadeiro. Acompanha a esposa e a



apóia em suas designações sempre que pode e dela também recebe todo o apoio. Visita os filhos, participando de seus problemas, aconselhando-os; brinca com os netos e escreve cartas aos parentes e missionários de sua área.

Sentado atrás da mesa de seu escritório, em meio aos papéis e aos telefonemas que lhe chegam a todo instante, ele faz o relato de sua conversão, sua atividade na Igreja e seus dados biográficos.

"Nasci em Santa Ernestina, interior de São Paulo, no dia 31 de março de 1924. Meu pai, Manoel Puerta e minha mãe Maria Aguilera Puerta, espanhóis, conheceram-se e casaram-se aqui no Brasil e tiveram doze filhos. Atualmente

restam apenas sete vivos, quatro mulheres e três homens.

"Assim que terminei o primário, fui encaminhado por meus pais a São Carlos para cursar o Seminário menor católico. Como vim de uma família tradicionalmente católica, desejavam que pelo menos um filho se ordenasse padre. No final do primeiro ano voltei para casa com problemas de saúde, que, na verdade, eram mais um pretexto para sair do Seminário do que propriamente doença; o fato é que jamais havia sentido inclinação para tal ofício religioso e acabei por confessá-lo aos meus pais, ficando então decidido que eu abandonaria o internato e continuaria os estudos no ginásio, em São Carlos. Lá conclui o ginásio e logo após vim para São Paulo.

"De minha conversão, posso dizer que realmente o Senhor já havia preparado o meu chamado e o meu caminho. Éramos uma família de quatro pessoas: minha esposa Diva, meu filho Paulo Roberto, minha filha Sandra e eu.

"Foi em 1964 que conhecemos a Igreja. A Sandra estava em casa de um cunhado meu e lá conheceu os missionários. Desde a primeira palestra sentiu-se entusiasmada e aceitou a sugestão deles para receber as palestras em nossa casa. A visita deles sempre ocorria na hora do jantar e como minha casa só tinha uma entrada (era um sobrado) e para subir ao andar superior era obrigatória a passagem pela sala de visitas, de qualquer maneira eu teria de passar por eles, tanto para entrar em casa como

para subir ao meu quarto. Por uma questão de cortesia, eu acabava me sentando e conversando com eles. Assim, logo nas primeiras aulas, percebi que a mensagem era verdadeira e deveria aceitá-la. Nessa fase, o Paulo, que era um adolescente, estava com cachumba e não podia sair de casa para encontrar-se com os amigos, e assisti todas as aulas conosco.

"Eu e minha filha nos batizamos primeiro, em cinco de dezembro de 1964. Minha esposa, sabiamente, preferiu aguardar o restabelecimento do rapaz, receando que ele, sozinho, fraquejasse e não cumprisse o propósito. Dessa maneira, quinze dias depois os dois receberam o batismo. Em seguida fomos chamados para ocupar cargos e colaborar no ramo do Bosque.

Nesse início da nossa vida no Evangelho recebi a minha primeira e grande lição de humildade. Numa festinha de fim de ano, o presidente do ramo, Reinhold Kraft, me designou para recolher todos os papéis de bala e de doces que a criançada deixara cair no chão. Minha primeira intenção foi recusar pois julgava que poderia fazer algo melhor do que recolher papel. No entanto, ao me abaixar para executar a tarefa insignificante demais, na minha opinião, compreendi que o importante não é ocupar um grande cargo, mas servir ao Pai. Qualquer serviço na Igreja é importante aos olhos Dele e a humildade é um ato fundamental nesse labor. O importante é que em nosso ato de servir haja a maior dignidade possível.

"Meu primeiro cargo foi como professor do Sacerdócio e, como membro novo, precisava estudar muito para desempenhar a função. Seis meses depois de batizado, fui ordenado élder e logo em seguida chamado para presidir um dos ramos do Bosque que estava sendo dividido em Bosque I e Bosque II. Fui liderar o ramo sem nenhuma experiência prévia em cargos eclesiais. Fiquei surpreso com o chamado, mas não me assustei muito. Sempre fui muito abençoado pelo Senhor, que me tem ajudado a cumprir todas as funções sem esmorecimento e também nunca tive um momento vacilante na fé que abracei. Talvez um fato que



Presidente Puerta e esposa

tenha contribuído muito para isso, seja a conversão conjunta da família, tocada pela mão do Senhor para que nos mantivéssemos unidos e também o fato de os meus pais e irmãos sempre respeitarem e até mesmo apoiarem meus chamados, embora nenhum deles tenha sido tocado pelo Evangelho.

"Permaneci como presidente do ramo até a criação da primeira estaca no Brasil, aqui em São Paulo, sendo então chamado como membro do Sumo Conselho da estaca. Servi nesta função até a divisão desta estaca. Fui chamado então para conselheiro do presidente Hélio da Rocha Camargo na nova estaca, a São Paulo Leste, até novembro de 1971, quando fui chamado para presidir essa estaca, substituindo o presidente que se mudara para Barra Mansa. Como ele fora um grande professor para nós e nos ensinou muita coisa, a nova tarefa tornou-se menos espinhosa.

"Em julho de 1973, houve nova divisão de estaca sendo criadas as estacas São Paulo Oeste, e Campinas e novamente fui chamado para presidir, desta feita a estaca São Paulo Oeste e nela permanecerei enquanto o Senhor desejar.

"Tenho-me sentido muito honrado com esse chamado. Como servo do Senhor recebi muitas bênçãos. É um privilégio liderar uma área, onde homens e mulhe-

res estão realmente imbuídos do espírito e do propósito de servir ao Senhor. Tenho um sumo conselho fabuloso, conselheiros fiéis e muito dedicados e as auxiliares têm realmente cumprido seu papel. Os bispos e presidentes de ramos têm-se esforçado bastante para o progresso de suas unidades.

"A nossa estaca até bem pouco tempo atrás era a menor área geográfica da Igreja no país e com o menor número de membros. Mesmo assim, temos atendido a todos os desafios da Primeira Presidência como, por exemplo, o de ter 1,5% da população da estaca no campo missionário. Estamos com vinte missionários no campo e mais sete prontos para sair; isso significa que temos um pouquinho mais do que o Presidente Kimball nos pede. Os nossos jovens realmente vêm respondendo bem ao chamado e o seminário é o maior incentivo e a melhor preparação para essa obra.

"Há muito tem sido adotada pela Igreja a prática de enviar para o campo casais que estejam com os filhos criados e que tenham desejo de fazer missão.

"Aqui no Brasil nos engajamos nessa prática desde a criação da Missão Portugal e lá está trabalhando o casal Osiris e Jacira Cabral que ocupam cargos de liderança, suprimindo a escassez de líderes que é bastante grande nestes

lugares onde a Igreja está se iniciando. Temos ainda uma família em que pai, mãe e dois filhos foram chamados e estão se preparando para partir; é a família do irmão Ilo Milano de Souza.

"Quanto ao programa SIGA, não posso dizer que minha estaca tem tido resultados brilhantes, mas estamos realizando o trabalho e esperando que todo membro se proponha a fazer o mesmo. Nossa liderança tem dado muita ênfase a ele. Temos procurado dar nosso exemplo, na própria presidência da estaca. Em todo programa da Igreja temos que andar na frente pois as ovelhas seguem o seu pastor. Digo a todos os membros que aceitem essa designação como a vontade de Deus expressa através da palavra do profeta pois somente dessa maneira poderemos obter êxito. Confio plenamente no sucesso desse programa. No México, por exemplo, o sucesso do desenvolvimento da Igreja se deve a essa designação que eles chamam de "família a família". Num só dia foram criadas dezesseis estacas, totalizando quarenta em aproximadamente um ano. Desejamos chegar a essa altura.

"Outro assunto de muita importância é a grande bênção do nosso templo. Essa é uma dádiva maravilhosa e uma necessidade. Nem todo membro tem a oportunidade

e a condição financeira de arcar com as despesas de uma viagem a Salt Lake City para casar-se no templo e realizar as ordenanças sagradas para sua família e seus antepassados falecidos. Por essa razão, um templo aqui em São Paulo é uma grande bênção para os membros do Brasil e da América do Sul.

"Aconselho aos jovens a prepararem-se para as ordenanças da Casa do Senhor e aos que já estão casados a prepararem-se, juntamente com esposa e filhos, para serem selados para toda a eternidade.

"Eu e minha esposa nos casamos no templo de Salt Lake em outubro de 1971. Lá, sem nada revelar, ela orou para que um dia eu viesse a trabalhar no Centro Editorial.

"Uma semana após a nossa chegada, o presidente Camargo, que era diretor do CEB e nosso vizinho, passou em casa e pediu-me que viesse ter com ele em seu escritório. Convidou-me para trabalhar nesse estabelecimento da Igreja, onde permaneço até hoje e dessa maneira foi realizado o desejo de minha esposa.

"Tive também a felicidade de ver meus filhos irem ao templo para se casar e meus netos nascerem sob esse convênio. O Paulo, que se casou com Rita Cúndari, é

pai de cinco filhos e Sandra, casada com Homero S. Amato, tem dois filhos. Para que nossa felicidade se torne completa, falta selarmos nossos dois filhos a nós, e para tal aguardamos a dedicação do Templo de São Paulo e o regresso de nossa filha dos EUA, onde seu marido cursa atualmente o Doutorado em Administração de Empresas.

"Posso testificar que a passagem pelo templo é uma experiência inesquecível; a gente se desprende do mundo durante as horas que ali permanece. A quietude, as vestes brancas, dão-nos a impressão de estarmos vivendo na presença de Deus.

"Imbuídos do verdadeiro espírito de sacrifício, os membros de nossa estaca têm contribuído fielmente para o fundo de construção do templo, tanto que já atingimos 84 por cento de nossa quota, que, aliás, é uma das mais altas.

"Quero agradecer a todos os nossos membros que tanto nos têm ajudado na execução da tarefa e deixo uma mensagem e um conselho a todos, a mesma deixada pelo presidente Harold B. Lee, em uma declaração à imprensa. Quando indagado sobre qual a mensagem mais importante que ele poderia dar ao mundo ele respondeu simplesmente "guardem os mandamentos".

Firmes, Marchai!

**SOMOS
IMPORTANTES
AOS OLHOS
DO SENHOR!**



Sirvo atualmente como missionário em Campina Grande e gostaria de relatar uma experiência que vivi na cidade de Juiz de Fora (MG) juntamente com meu companheiro: Recebemos uma referência com o endereço de uma senhora já idosa que desejava saber algo sobre o Evangelho. Partimos então à procura desse local. Depois de procurar bastante, verificamos, decepcionados, que não conseguimos encontrar o local. Ficamos muito preocupados e então oramos ao Pai e pedimos que nos enviasse seu auxílio, a fim de que pudessemos cumprir mais essa tarefa. Terminada a oração, pusemo-nos a andar novamente, quando uma senhora de cabelos brancos nos chamou e disse que estava procurando justamente dois rapazes de camisa branca e gravata, pois já havia ouvido falar de nós. Convidou-nos então para irmos até sua casa e, para nossa surpresa, ao nos dizer seu nome, verificamos que era a pessoa que procurávamos.

Iniciamos imediatamente a primeira palestra e a certa altura ela nos inter-

rompeu com lágrimas nos olhos, e nos encarando profundamente emocionada, disse-nos: "Sei que vocês estão pregando a verdade e sinto um calor dentro de mim que me mostra estar diante do caminho que tenho estado a procurar. Estou certa de que Joseph Smith foi um profeta de Deus e quero ser batizada tão logo seja possível."

Sentimos então um espírito maravilhoso nos envolver dentro daquela modesta casinha. O testemunho daquela senhora nos tocou profundamente e o Espírito do Senhor estava ali, naquele momento. Oramos e demos-lhe uma bênção de saúde e ela nos despediu com amor e gratidão.

Não tive a oportunidade de continuar a ensiná-la, pois fui transferido para outra área, mas sei que a semente do Evangelho ficou plantada em seu coração.

Espero que cada pessoa possa sentir em seu íntimo como somos importantes aos olhos do Senhor e como ele se importa com cada um de seus filhos.

ELDER TADEU

EU E MINHA CASA SERVIREMOS AO SENHOR



Grata surpresa para todos nós foi o chamado do casal Ilo Milano de Souza e de dois de seus filhos para trazer almas ao rebanho do Senhor. É ele próprio, o irmão Souza quem confirma: "Até agora temos vivido a experiência de ver nossos filhos partirem para a missão, mas agora a experiência será dupla: partiremos junto com eles. Nenhum de nós sabe ainda para onde irá, e deixaremos nosso filho caçula que tem apenas dez anos de idade, confiantes de que o Senhor o guardará até nossa volta e nada lhe faltará. Estamos nos desfazendo de nossa casa e de todos nossos bens materiais, na certeza de que o Senhor nos proverá no nosso regresso."

Irmão Souza e irmã Iris têm nove filhos dos quais seis já são casados: Tânia, Denis, Katia, Maria das Graças, Conceição, Sueli. Solteiros são Pedro Bernardo e Meg, que sairão como missionários e Paulo Roberto, o caçula. Segundo o casal, todos os nove filhos foram desejados e muito bem esperados.

Sentado no sofá ao lado da esposa e dos filhos que irão para missão, irmão Souza conta como foi seu encontro com o Evangelho que veio modificar sua norma de vida.

"Uma ocasião, quando ainda morava no Rio, vim a São Paulo para um curso de psicologia de vendas. Passando pela praça da República vi dois missionários pregando a uma pequena multidão e resolvi parar para ouvir. O que mais me chamou atenção foi a afirmativa de que o Sacerdócio da Igreja de Jesus Cristo era o poder e autoridade para o homem agir



Chamados para a Missão o casal Souza e dois de seus filhos: Pedro e Meg.

em nome de Deus e que essa era a única Igreja na terra que tinha esse poder. Gostei muito também da informação de que Deus vive e que tem um corpo glorificado de carne e osso e nos ama. Quando terminaram a palestra, misturaram-se entre as pessoas e falaram com algumas delas. Chegaram a mim também, pediram para fazer uma visita em minha casa e eu disse que morava no Rio e estava de passagem por São Paulo. Mesmo assim, anotaram meu endereço dizendo que iriam mandar para

a Igreja de lá. Curioso foi que esses dois missionários foram transferidos no dia seguinte para o Rio, justamente para a área onde eu morava, perto da Tijuca. Assim que regressei de viagem, minha esposa me informou que dois americanos mórmons tinham vindo me procurar e ficaram de voltar assim que eu retornasse. Dessa maneira começamos a aprender sobre o Evangelho Restaurado e logo sentimos que estávamos diante da verdade. Reunimos os filhos e comunicamos-lhes a decisão de abra-

çar a nova fé. A felicidade foi muito grande, porque então todos estavam dispostos a acompanhá-los”.

Irmã Iris, sentada ao lado do marido, de mãos dadas com ele, interrompe a conversa para dizer, muito animada: “Assim que fomos batizados, recebemos chamados para exercer funções no ramo. Semanas depois, fui chamada como primeira conselheira da Primária do distrito e nem sequer sabia o que era Primária. Nessa fase começou o desenvolvimento de nosso testemunho e de nossa fé, Tínhamos um grande problema com a saúde de nossa filha Meg, e foi através de nosso desprendimento do mundo e da nossa vontade de servir que encontramos muito consolo e ajuda espiritual para a sua cura.”

Após alguns anos no ramo da Tijuca, os Souza mudaram-se para São Paulo e foram freqüentar a Ala II, antigo ramo do Bosque. A mudança da família foi mais em virtude do tratamento pré-operatório a que deveria submeter-se Meg e a subsequente cirurgia no Hospital das Clínicas.

Para o irmão Souza as experiências que trouxeram muita vivência espiritual, foram os cargos que ocupou ao longo dos anos, entre eles o que mais fortaleceu o seu testemunho foi o de presidente do ramo do Jabaquara. “Vi-o nascer, crescer e tornar-se uma Ala. Embora nesta última fase já estivesse exercendo outras funções, senti uma imensa alegria pelo progresso”.

Para o casal Souza, a missão fazia parte de um plano vago para o futuro, quando Paulinho, o filho caçula já estivesse adulto e não desse mais preocupações. Enfim, era uma idéia que ainda não se havia tornado um projeto. O chamado de repente, sem que ninguém esperasse, de início assustou um pouco. Todavia, a fé e a gratidão a Deus, fizeram com que eles ponderassem mais profundamente e aceitassem, mesmo sem saber para onde iriam.

A irmã Iris sente apenas o fato de ter que se separar do Paulinho, a quem é tão apegada. Sabe todavia que ele ficará bem cuidado e relembra a história de Abraão que não teria hesitado em sacrificar

seu filho, em obediência e amor a Deus. “Por que então eu não poderia me separar do meu, por pouco tempo, sabendo que o deixaria em boas mãos? Ele irá para Manaus, na casa da irmã que tanto o estima.

Os quatro membros dessa família receberam o chamado no mesmo dia, mas cada um em separado e só depois é que souberam que estavam no mesmo barco. Mas todos eles comungam da mesma felicidade em poder retribuir ao Senhor um pouquinho do que ele lhes tem dado, levando o Evangelho ao próximo e trazendo almas para o rebanho.

PEDRO, A ALEGRIA PELO CHAMADO NÃO SE EXPRESSA EM PALAVRAS

Pedro Bernardo Fernandes de Souza tem 21 anos, e custeará a missão com seus próprios recursos. Apesar de ser ainda bem jovem e estudante, ele já tinha um bom emprego, seu próprio carro, que será vendido juntamente com seu aparelho de som importado, que são sua grande paixão. Com esse dinheiro e mais algumas economias pretende cobrir suas despesas. O curso de medicina, que era sua opção para quando terminasse o colegial, ficará para a volta.

“Quando conheci a Igreja, tinha uns sete anos e assim cresci no caminho que o Senhor me preparou; cursei a Primária, escotismo, SAM, AIM. Nesse período, fui desenvolvendo o plano de uma missão, mas era muito vago, tanto que mais de uma vez hesitei nesse chamado, porque não me sentia preparado e julgava que não havia chegado o momento certo, mas agora sei que é chegado. Quando meu presidente me chamou, pedi a ele que me ajudasse com jejum e oração, para saber se era isso que meu Pai queria de mim, e a resposta foi infalível: era isso mesmo que ele queria e estou ansioso por fazer a sua vontade, porque creio sem sombra de dúvida que estou trilhando o caminho da verdade. A imensa alegria que senti em poder responder a esse chamado com real convicção, é algo que não consigo expressar em palavras”.

MEG, TENHO UMA GRANDE DÍVIDA PARA COM O SENHOR

Meg de Jesus Fernandes de Souza tem dezenove anos e considera uma grande bênção poder ver a família toda mais uma vez unida e empenhada no propósito de servir. Embora ela, Pedro e os pais devam partir para lugares diferentes, a dedicação ao trabalho será a mesma para todos.

“Tenho uma grande dívida para com nosso Pai Celestial e de certa forma, toda a família está envolvida, uma vez que a preocupação de cada um era a minha cura.

“Essa oportunidade de fazer uma missão e contribuir para o engrandecimento do reino de Deus aqui na terra é uma forma de agradecimento por minha vida ter sido poupada.

“Surpreendi-me muito ao saber que meus pais também iriam partir. Pensei que quando saísse daria até breve a todos e, na volta, os encontraria à minha espera. O fato de saber que minha casa teria que ser desfeita, e que todos iriam partir me perturbou um pouco, mas foi só no início. Agora estamos muito felizes, e nos consideramos uma família muito abençoada.

“Eu tinha três graves problemas no coração: estenose pulmonar, estreitamento da válvula pulmonar, sopro e sangue azul; o meu sangue não era todo filtrado e o arterial se misturava com o venoso. Antes da cirurgia recebi uma bênção, já no hospital, e a operação foi a mais bem sucedida até então realizada naquele hospital e eu sei que minha vida foi poupada porque eu tinha uma designação a cumprir. Minha saúde foi totalmente recuperada, eu cresci, ou melhor, acabei de crescer, forte e totalmente recuperada.

“Quero agradecer ainda a meu Pai Celestial, a oportunidade de me desenvolver no cargo de presidente da Primária. Cresci muito espiritualmente nesse chamado e aprendi muita coisa que me tem servido na vida e tenho certeza de que a missão também fará muito por mim e pela minha família”.

A verdadeira conversão ao Evangelho é bem exemplificada pelo desejo de servir desta família, cujo lema bem poderia ser expresso nas palavras de Josué: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.”

